



Ano 10, Vol XIX, Número 1, Jan-Jun, 2017, Pág. 132-181.

**O questionário «Experiences in Close Relationships» (ECR) para avaliar o apego em adultos:
Evidências de validade para a versão brasileira em uma perspectiva multidimensional**

Antonio Roazzi

Alexsandro Medeiros do Nascimento

Bruno Campello de Souza

Universidade Federal de Pernambuco

Suely Aparecida do Nascimento Mascarenhas

Universidade Federal do Amazonas

Resumo: O objetivo deste artigo foi buscar evidências de validade da escala “*Experiences in Close Relationships Inventory*” (ECR), desenvolvida por Brennan, Clark e Shaver (1998) para avaliar o apego em adultos no contexto das relações românticas em uma população brasileira. Depois da tradução inicial da escala foi feito uso do procedimento de retrotradução (*back-translation*). A versão final assim obtida do questionário em português do Brasil foi então aplicada a uma ampla amostra de várias regiões do Brasil (N=2821). Análises multidimensionais e fatoriais de primeira e segunda ordem evidenciaram a adequação da organização estrutural dos itens em duas dimensões, em consonância com o estudo original, resultados corroborados por índices de consistência interna mais do que satisfatórios para os fatores “ansiedade” ($\alpha=.851$) e “evitamento” ($\alpha=.860$), apontando para uma boa precisão da escala. Enfim, o estudo demonstra que a escala pode ser reproduzida em português brasileiro e possui uma estrutura dimensional em conformidade com a teoria e correspondente à do instrumento original, destacando-se as vantagens das validações que fazem uso de análises multidimensionais.

Palavras-chave: apego, relacionamento amoroso, teste psicológico, escalas psicométricas, escalonamento multidimensional, *smallest space analysis* (SSA), Teoria das Facetas, Louis Guttman.

Abstract: The goal of the present article was to search for evidence of the validity of the "Experiences in Close Relationships Inventory" (ECR), developed by Brennan, Clark and Shaver (1998) to evaluate attachment in adults within the context of romantic relationships, in a Brazilian population. After the initial translation of the scale, a back-translation procedure was done. The final version of the questionnaire in Brazilian Portuguese obtained was then applied to a broad sample from various regions in Brazil (n=2821). First- and second-order multidimensional and factor analyses showed the adequacy of the structural organization of the items into two dimensions, in accordance with the original study, results corroborated by the more than satisfactory internal consistency indexes for the "anxiety" ($\alpha=.851$) and "avoidance" ($\alpha=.860$) factors, pointing towards a good precision for the scale. Thus, the study demonstrates that the ECR can be reproduced in Brazilian Portuguese and has a dimensional structure in conformity with the theory and corresponding to that of the original instrument, with attention to the advantages of the validations that make use of multidimensional analysis.

Keywords: attachment, romantic relationship, psychological test, psychometric scales, multidimensional scaling (MDS), smallest space analysis (SSA), Facet Theory, Louis Guttman.



Introdução

Depois de mais de quatro décadas de sua formulação, a teoria do apego, desenvolvida historicamente como uma variante da teoria psicanalítica das relações objetais (Bowlby, 1969), tem cada vez mais se estabelecido como uma disciplina independente, tornando-se um ponto de referência conceitual para aqueles que trabalham em psicologia do desenvolvimento, psicologia social, psicologia cognitiva, neuropsicologia, psicopatologia, neuropsiquiatria e por todos aqueles que encontram na mesma uma valiosa contribuição na prática da psicologia clínica e psicoterápica (Eagle, 1997; Guidano, 1987; 1991; Liotti, 1991). A própria visão da Infância vem sendo revisada e revisitada. De fato, a partir da pesquisa atual na área psicossocial, emerge a imagem de uma criança que desempenha um papel ativo em seu desenvolvimento. A criança desde o nascimento é capaz de estabelecer relações significativas, embora assimétricas, em relação ao cuidador adulto. Nas trocas interativas, demonstra a sua capacidade de autoregular os seus comportamentos através de mecanismos de *feedback* com aqueles que interagem de forma estreita com ela. Os recém-nascidos são dotados dos requisitos perceptuais e estruturas temporais (ritmos na alimentação, os padrões de sono, etc.) que lhe permitem o contato com a figura do adulto que toma conta dele.

Apego e a base segura

Estudos realizados por Bowlby e seus colegas têm evidenciado como a relação inicial que cada criança estabelece com sua mãe depende de uma necessidade inata de entrar em contato com os membros de sua espécie, e o comportamento de apego é aquele comportamento que a criança manifesta em relação à figura do adulto cuidador, que a considera capaz de enfrentar o mundo de uma forma adequada. Este comportamento torna-se evidente cada vez que a criança fica com medo, está cansada, doente, e diminui quando é confortada e cuidada.



Se o objetivo externo do sistema de apego é garantir a proximidade com o cuidador, o interno é motivar a criança para a busca de uma segurança interna. A tarefa biológica e psicossocial da figura adulta cuidadora é a de ser uma base segura para a criança, a partir da qual a criança pode olhar e explorar o mundo exterior tendo a certeza que sempre poderá voltar e sabendo que ela será bem-vinda, alimentada, tranquilizada e confortada.

Assim, o papel do cuidador é de estar disponível e receptivo quando for solicitado, e intervindo apenas quando for necessário. O apego originário com a figura cuidadora se consubstancia em um protótipo da segurança interior para a inteiro ciclo de vida da pessoa, persistindo ao longo do tempo e tornando-se uma base segura (*secure base*) a partir da qual o indivíduo inicia sua existência de forma autônoma e com confiança na vida. A bidirecionalidade desta primeira troca possibilita à criança o desenvolvimento de um sentimento de segurança e confiança em si mesma, além de reforçar sua relação com o adulto.

Se o adulto demonstra ser sensível e competente, a criança irá se sentir parte do círculo familiar, mesmo nos momentos mais críticos da vida. Instaura-se assim um círculo virtuoso no qual a criança tem a possibilidade de fortalecer sua autoestima e a capacidade de gerir de forma adequada as situações da vida que usualmente confrontam o ser humano. Se alguma coisa não funciona neste primeiro momento da vida da criança quando são instauradas as primeiras interações, a criança poderá estabelecer formas de comportamento que podem ajudá-lo a se defender, embora de maneira disfuncional para o seu crescimento e sua prosperidade futura. Nesse sentido, a indisponibilidade da figura de referência adulta, de quem a criança depende para sua proteção e sobrevivência, vai criar na criança uma vulnerabilidade em relação ao medo da perda do outro.

Esta primeira troca interativa e a conseqüente segurança (ou insegurança) interna que a criança desenvolve estão relacionadas com a futura capacidade de autorealização. A capacidade de enfrentar situações em momentos críticos ou de mudança irá depender da forma como construiu o seu *self*



desenvolvido nesta fase da vida. O sentido do seu *self* e a autoestima consequente são formados e desenvolvidos de acordo com esta relação primária estabelecida na primeira infância (Roazzi, Nascimento & Gusmão, 2013).

Além disso, o vínculo que a criança vivencia nessa relação com o cuidador irá modelar os laços subsequentes, porque o indivíduo no momento do contato com o outro carrega consigo toda a bagagem das experiências anteriores. A autoimagem que desenvolve um indivíduo que teve um apego seguro é de uma pessoa amorosa, digna de ser amada, com boa autoestima, que tem confiança nos outros (mas não de maneira indiscriminada). Será uma pessoa amável com as pessoas amigas, precavido com aquelas que percebe como hostis; irá cuidar de si mesmo e de seus entes queridos, não irá confiar em pessoas desconhecidas, será seletivo no estabelecimento de relações empáticas e em se abrir para os outros, vai saber como conseguir o apoio dos outros.

Uma vez que a dinâmica de apego marca indelevelmente a estrutura subjetiva dos indivíduos deixando vieses estruturais pervasivos para a vida adulta e ao longo de todo o ciclo vital, há que se conhecer melhor as relações entre os tipos de apego e o desenvolvimento do Self tomado em relação a sistemas cognitivos que lhes são tributários como a *Teoria da Mente*, e a *Autoconsciência*, campos que tiveram um robusto incremento de teorização nos últimos anos (Morin, 2005; Nascimento, 2008), à luz do significado das Interações Sociais com outros significativos, em especial, do contexto parental e familiar, que sabe-se seguramente por acervo de pesquisa existente (ver Aikins, Howes & Hamilton, 2009; Ainsworth, Blehar, Waters & Wall, 1978; Bowlby, 1989; Morin, 2005; Nascimento, 2008; Nascimento & Roazzi, 2013; Roazzi, Nascimento & Gusmão, 2013; Waters, Merick, Treboux, Crowell & Albersheim, 2000) ser de fundamental importância para o desenvolvimento desses sistemas psicológicos. De fato, como Bowlby tem ressaltado em várias ocasiões, o apego se caracteriza como uma necessidade presente ao longo do inteiro ciclo de vida, considerando-a um aspecto constitutivo da conduta humana desde o seu nascimento até a morte (Bowlby, 1958, 1979). Nesta perspectiva, para Bowlby, as relações de apego



infantil representavam o protótipo que fundamentava as subseqüentes relações afetivas amorosas (Bowlby, 1969).

Apesar do reconhecimento da relevância do apego em todas as fases do ciclo da vida de uma pessoa esteja presente de alguma forma desde os primórdios de sua teoria, o foco principal de Bowlby tem sido direcionado na análise das relações da criança e os seus cuidadores primários, sobretudo a mãe. Pouco Bowlby e seus colaboradores têm trabalhado no desenvolvimento de procedimento padronizado de avaliação do apego na idade adulta. De fato, no âmbito dos estudos de apego infantil, um papel central foi desempenhado pelo procedimento de avaliação denominado de *Strange Situation* concebido por Mary Ainsworth (Ainsworth, Blehar, Waters & Wall, 1978) para avaliar as diferenças na qualidade das relações de apego na primeira infância. No experimento, estruturado em ambiente de laboratório, crianças experimentaram aumento do estresse porque elas eram separadas de suas mães ou cuidadores (*caregiver*) por um momento em um ambiente estranho de uma série de episódios de três minutos, com duração total de vinte minutos nos quais uma criança de um ano era observada numa sala pequena, confortável e com um número generoso de brinquedos, mas que lhe é estranha, primeiro em companhia da mãe, depois sem ela e finalmente após sua volta. Desta forma este procedimento era planejado para ativar, de maneira gradual, o sistema comportamental de apego da criança em duas separações da mãe, tanto com a presença da mãe.

Os resultados mostraram que quando estão com a mãe, quase todos passam o tempo explorando o ambiente, mesmo de olho na mãe. A chegada do estranho reduz a exploração, mas ainda não há choro. Quando a mãe se retira, há diferentes formas de reação dos bebês, sendo encontradas três estratégias que elas usavam para lidar com o aumento do estresse do procedimento, a saber: *apego seguro*, *inseguro evitante* e *inseguro ambivalente*.

Como consequência destas diferenças na elaboração de instrumentos e procedimentos de avaliação do apego ao longo da vida, a investigação sobre apego tem sido muito facilitada e incentivada



pelo desenvolvimento de instrumentos padronizados para a classificação dos aspectos constitutivos do apego na primeira infância, mas não na vida adulta. Adicionalmente, a ausência nos elementos centrais da teoria do apego de detalhadas e explícitas conceptualizações acerca das ligações significativas da vida adulta contribuiu em atrasar a pesquisa nesta área de conhecimento. De fato, é só a partir da década de 80 que surgiu um interesse para investigar cientificamente as relações de apego que caracterizam as fases após a primeira infância, que se consubstanciaram em duas linhas de pesquisa baseadas em formas distintas de conceitualizar, aferir e medir as diferenças individuais no apego adulto (Rholes e Simpson, 2004; Shaver e Mikulincer 2002a, 2002b; Simpson & Rholes, 1998).

A primeira linha de pesquisa tem se originado no campo da psicologia do desenvolvimento concentrando-se no apego na família nuclear, utilizando especialmente entrevistas realizadas em sujeitos adultos para examinar e avaliar as lembranças das experiências com os pais ao longo da infância. Focaliza-se principalmente o tema da transmissão intergeracional de perfis específicos de apego, através do uso de entrevistas narrativas, visando levantar o estado mental do adulto a respeito do apego infantil. Entre essas entrevistas narrativas, a mais conhecida é decididamente a *Adult Attachment Interview* (AAI), desenvolvida por Mary Main e seus colaboradores (George, Kaplan & Main, 1985; Main & Goldwin, 1989), que se propõe investigar as representações mentais do adulto a respeito das relações de apego infantil com as figuras parentais.

A segunda linha de pesquisa se originou no âmbito da psicologia social e da personalidade focando-se no apego na esfera dos relacionamentos amorosos, desenvolvendo instrumentos de mensuração de autoavaliação (*self-report*) para avaliar o estilo de apego a partir das experiências nos relacionamentos íntimos. As descrições clássicas dos estilos de apego com o parceiro propostas por Hazan e Shaver (1987) têm sido utilizadas para fundamentar a construção de várias escalas de autoavaliação produzindo medidas de tipo contínuas (Crowell & Treboux, 1995; Simpson, 1990).



Todavia, a questão da validade de medidas contínuas se coloca em meio a questão mais ampla da mensuração e operacionalização quantitativa do construto apego.

Nas fases iniciais da ontogênese dos sistemas de apego, tem-se verificado um uso mais acentuado dos procedimentos da Situação Estranha de Ainsworth e o Método *Q* (Solomon & George, 1999). A Situação Estranha de Ainsworth (*Strange Situation Procedure*; Ainsworth *et al.*, 1978) consiste de episódios experimentais de separação-reunião mãe/cuidador-criança, os quais foram pensados reproduzir desafios de magnitude leve a moderada em termos do estresse proporcionado aos sistemas de apego ocorrentes em situações do cotidiano da díade. A mensuração dos níveis e tipos de apego se dá através de sistema de pontuação que tem o foco na avaliação do funcionamento adaptativo dos sistemas de controle de apego, em termos de sua dinâmica em manter um equilíbrio adequado entre proximidade e exploração do ambiente experimental. Tal sistema de ranqueamento oferece um excelente ajuste estrutural, mas não é isento de problemas. Uma das principais dificuldades se dá pelo fato de seu sistema de pontuação mais bem avaliado e validado na busca diligente por diferenças individuais assenta-se em classificação taxonômica, ao invés de avaliação quantitativa estrita, além de severo desequilíbrio encontrado no momento da tipologização dos sujeitos em termos dos perfis de apego (evitante; seguro; resistente), a distribuição dos sujeitos entre os perfis é acentuadamente desequilibrada, o que resulta em que os dados registrados a partir deste procedimento exibem menos informações e menores opções para análises de dados, e exigência de amostras acentuadamente maiores e robustas, em comparação às exigidas por métodos de classificação ou de amostragem. Além disso, tem-se debatido o aspecto de extensão estreita de faixas etárias permitidas pelo método (12 a 18 meses de idade), a aplicação custosa para o experimentador, e a exigência de espaçamento entre uma e outra aplicação em pesquisa de corte longitudinal por acentuado efeito de aprendizagem e familiarização inerentes ao método (Waters & Deane, 1985).

Segundo Waters e Deane (1985), o Método Q (Q-sort Method) foi originalmente criado e validado por William Stephenson, psicólogo atuante na área dos estudos de personalidade, tendo tal metodologia sido progressivamente incorporada na área dos estudos desenvolvimentais, e mais recentemente, na pesquisa do apego infantil. A organização lógica do Método Q exibe três componentes principais:

- 1) procedimentos para desenvolvimento e escrita de conjuntos de itens descritivos dos sistemas comportamentais em investigação, aos quais pontuações serão atribuídas,
- 2) procedimentos de atribuição de pontuações aos itens dos conjuntos, e sua classificação visando sua organização num continuum ordinal, indo do mais característico ao mais não característico em cada sujeito investigado, e,
- 3) procedimentos para redução e análise de dados, usualmente, edificados em análises fatoriais e psicometria.

No âmbito dos estudos do apego, os autores citados desenvolveram um conjunto de 100 itens *Q-sort* os quais se colocam como operacionalizações em cartões impressos de um vocabulário e uma gramática básica para explorar contextos específicos do cotidiano da criança e seus cuidadores, e suas respostas em termos dos sistemas de apego que referenciam seus comportamentos em tais contextos e situações. Neste método, os juízes ou observadores trabalham classificando os cartões/itens em pilhas por designação de que sejam de mais característico a menos característico do indivíduo em questão, sendo tal classificação operada em passos, construindo-se inicialmente três pilhas de cartões, e as subdividindo novamente em nove pilhas, a partir do que trabalham as pilhas indo das periféricas ao centro, ajustando-se as pilhas de modo que ao final se tenha uma classificação conformada numa distribuição unimodal e simétrica, com números especificados de itens em cada uma das nove pilhas, sendo cada item escoreado em termos de seu lugar na distribuição. Tal método não necessita de extenso conhecimento dos construtos operacionalizados nos itens por parte dos juízes, o que inibe a atuação de vieses na classificação, e propicia



que a descrição dos sujeitos em termos de uma matriz de escores otimize o uso de uma gama mais ampla e sofisticada de procedimentos de análise de dados com os resultados das avaliações individuais dos juizes (Waters & Deane, 1985).

Apego e sua forma de avaliação em adolescentes e adultos

No que concerne a mensuração de apego em adolescentes e adultos, em apego em termos de relações de proximidade afetiva com outrem (amizade ou relações amorosas), Shaver e Fraley (2010) indicam as medidas psicométricas mais canônicas e de mais franco uso na pesquisa, a saber, (1) *The Love-Experience Questionnaire (LEQ)*, (2) *The Relationships Questionnaire (RQ)*, (3) *Experiences in Close Relationships (ECR)*, (4) *Experiences in Close Relationships Revised (ECR-R)*, (5) *Experiences in Close Relationships-Relationship Structures (ECR-RS)*, e, (6) *State Adult Attachment Measure (SAAM)*. A criação e validação das medidas citadas tem promovido um importante avanço na documentação do funcionamento dos sistemas de apego em níveis transculturais, e na apreciação de leque extenso de construtos psicológicos relacionados às diferenças individuais nos perfis de apego, com consequências benéficas ao fomento dos modelos teóricos explanatórios do construto em tela. No que segue tem-se um sumário da estrutura dos instrumentos citados, e alguns importantes achados de pesquisa encontrados com sua utilização.

O trabalho original de Hazan e Shaver (1987) inaugurou no âmbito da mensuração psicométrica a perspectiva de se considerar o amor romântico como um processo de apego, ligado ontogeneticamente aos padrões de apego infantis alicerçados entre a criança e seus cuidadores. No trabalho em tela, os autores validaram o instrumento nomeado de *The Love-Experience Questionnaire* (Hazan & Shaver, 1987), em que o foco de medição é o padrão de apego adulto, aqui considerado como fronteira afetiva entre amantes adultos, no mesmo entendimento de ser o apego infantil uma fronteira afetiva formada desde os estágios iniciais da vida entre as crianças e seus pais/cuidadores próximos. Tal compreensão



segue em linha direta os legados dos trabalhos de Bowlby e Ainsworth, e se cristaliza em termos teóricos no delineamento de perfis específicos de apego (seguro; evitante; ansioso-ambivalente), os quais se interligam dialeticamente via modelos mentais de self e vida social (tal qual a noção de modelo de trabalho interno de Bowlby ou “*Internal Working Models*”, IWM). Tais modelos, como também o estilo de apego resultante, são considerados serem determinados em parte pela matriz e perfis de relacionamento infantis com os pais (Hazan & Shaver, 1990).

O questionário foi projetado para ter como foco da observação dos padrões de apego centrados no relacionamento amoroso mais importante que o indivíduo tenha tido, as razões de ter se envolvido nele, e porque o relacionamento acabou da maneira que o fez, independente de ser um relacionamento atual ou passado, todavia, devendo se escolher para respostas aos itens do questionário tendo como base o mais importante. Concretamente o questionário se estrutura em torno de autodescrições, inicialmente num conjunto de 95 questões, sendo posteriormente reduzido para 56 delas, se distribuindo em 12 fatores, cujas consistência interna mensurada pelo Alfa de Cronbach variou de .64 a .84, com média de .76, o que foi considerado como índice da adequação da medida para uso em pesquisa (Hazan & Shaver, 1987). No estudo de validação da medida, 56% dos participantes classificaram a si mesmos com apego seguro, e tenderam a descrever seus relacionamentos românticos como felizes, amigáveis e confiáveis. Os que se classificaram como sendo referenciados ao apego evitante foram um contingente de 25% dos participantes, e 19% dos restantes consideraram-se como ansiosos-ambivalentes. Estes últimos tenderam a considerar seus relacionamentos românticos como envolvendo obsessão, desejo por reciprocidade e união, altos e baixos emocionais, e atração sexual e ciúme extremos. Os evitantes, por sua vez, relataram associar o amor a altos e baixos emocionais, ciúme e medo de intimidade.

O instrumento intitulado *The Relationships Questionnaire* (RQ) foi desenvolvido por Bartholomew e validado posteriormente por Bartholomew e Horowitz (1991), e centra na tipologização dos padrões de vinculação clássicos na literatura (secure; fearful-avoidant; preoccupied), seguido de um



quarto padrão proposto no estudo (dismissing-avoidant), o qual se refere a indivíduos que evitam intimidade, se caracterizando por serem altamente autosuficientes e independentes. É um questionário, portanto, de 04 itens, os quais a análise recompõe as quatro categorias de apego citadas num modelo bidimensional. Todavia, o RQ não tem sido mais extensivamente utilizado na pesquisa hodierna de apego pela clara tendência iniciada em meados dos anos 90 de mensurar construtos básicos de apego a partir de inventários multi-itens (Shaver & Fraley, 2010).

Pesquisas efetuadas com a utilização do RQ tem levantado informações valiosas sobre a organização dos padrões de vinculação adultos, em especial, na relação com situações específicas envolvendo relações românticas, como a transição para a paternidade e psicopatologia na área da atividade sexual. Figueiredo *et al.* (2008) investigaram casais em transição à paternidade, os quais foram acessados no segundo trimestre de gravidez das esposas e uma segunda vez após o parto, e descobriram que homens/mulheres com visões menos positivas de suas vidas amorosas, em comparação com àqueles que detém uma visão mais positiva, evidenciam maiores escores de ansiedade em instrumento de rastreio de depressão (CES-D); homens/mulheres com visões mais negativas da relação com seus parceiros apresentam escores elevados tanto em depressão quanto em ansiedade, comparativo aos que detém uma visão menos negativa; e também, parceiros/as de homens/mulheres com visões mais negativas de parceira amorosa evidenciam maiores níveis de depressão. O conjunto dos achados levanta indícios importantes de que os padrões de relacionamento amoroso (apego adulto) impacta o ajustamento psicológico durante a transição para a paternidade, em homens/mulheres, e seus respectivos parceiros. Gilliland *et al.* (2015) investigaram os padrões de apego em amostra de homens hipersexuais, os quais estavam quando da pesquisa em tratamento psiquiátrico por dificuldades em controlar pensamentos, sentimentos e comportamentos sexuais. Porção considerável dos participantes relataram padrão de apego de tipo inseguro, um indicativo de ser dificuldades de apego uma condição necessária, mas não suficiente, para



eclosão de adições sexuais, impulsividade sexual e uso abusivo de pornografia, como meio de enfrentamento de suas dificuldades nas vinculações amorosas.

ECR como medida de autorelato de apego em adultos

A próxima medida de autorelato de apego – a *Experiences in Close Relationships* (ECR) - foi criada por Brennan, Clark e Shaver (1998) a partir de análise fatorial com um robusto conjunto de itens oriundos de medidas prévias para este construto, e tem se tornado a mais utilizada medida psicométrica para operacionalizar apego adolescente e adulto enquanto amor/vínculo romântico (Shaver & Fraley, 2010), o que ensejou o presente estudo de validação desta importante medida para o português do Brasil, havendo já na atualidade disponível uma medida breve (*short form*) desta escala (Wei et al., 2007). O ECR foi criado para operacionalizar os tipos de apego com base em duas subescalas, a de *Evitação ou Evitamento*, traduzida como desconforto com proximidade e/ou em depender de outros) e *Ansiedade*, entendida como medo de rejeição e abandono (Brennan, Clark & Shaver, 1998). Os 36 itens da escala (18 para cada um dos fatores) conformam duas dimensões, das quais se derivam os quatro estilos de apego previstos na literatura (ver Bartholomew & Horowitz, 1991), havendo indícios de que predizem melhor que o encontrado com a escala RQ certas variáveis de validade de construto, embora suas categorias não espelhem perfeitamente os tipos de apego obtidos pelo segundo instrumento prévio, conforme notificam Shaver e Fraley (2010). Pesquisas realizadas com o suporte metodológico da medida ECR tem aberto novas possibilidades de entendimento do papel do apego na estruturação do self maduro, em especial, nas dimensões do relacionamento com Deus (Beck & McDonald, 2004)_e o papel do maquiavelismo e dos modelos internos de trabalho na configuração dos relacionamentos amorosos adultos (Ináncsi, Láng & Bereczkei, 2015).

O estudo de Beck e McDonald (2004) parte da hipótese de as relações do indivíduo com Deus reiteram, e estão em linha de continuidade, com as vicissitudes ontogenéticas das vivências de apego com



os pais na infância e com os outros significativos em relações amorosas na adultez. Para operacionalizar uma nova medida de apego a Deus – o *Attachment to God Inventory* (AGI), os autores desenvolveram um conjunto extenso de itens os quais espelham as dimensões de Evitação e Ansiedade encontradas no ECR, as quais foram denominadas respectivamente de Evitação a Deus, definida como dificuldade em depender de Deus, relutância em expressar intimidade com Ele e necessidade de autossuficiência pessoal, e Ansiedade com Deus, entendida como protesto enraivecido com Deus, temor de ser abandonado por Ele, preocupação com o relacionamento com a Deidade, e ansiedade com questões de amabilidade e ciúmes no âmbito desta relação. A escala é respondida em escala Likert de 7 pontos, indo de Discordo totalmente (1) a Concordo Totalmente (7), com o número 4 como ponto misto ou neutro. O AGI exibiu excelentes propriedades psicométricas, sua estrutura fatorial espelhou a do ECR, indicando haver uma correspondência entre os modelos de trabalho de outros românticos e Deus, em especial, tendo-se encontrado uma correspondência entre as dimensões de ansiedade dirigida a Deus e aos outros, conforme mensurada pela ECR. Em amostras diferentes, pessoas com maiores escores em ansiedade em seus relacionamentos amorosos também reportaram maior apego de ansiedade dirigida a Deus.

O estudo de Ináncsi, Láng e Bereczkei (2015) testou a hipótese de haver uma relação entre maquiavelismo e perturbações na estruturação do apego, tanto geral quanto em relacionamentos íntimos. O Maquiavelismo tem sido definido enquanto um modo de organização subjetiva de certos indivíduos marcado por características como dissimulação, manipulação, utilitarismo, cinismo, hipercompetição, egocentrismo, indiferença e frieza emocional. A diferença entre indivíduos mais e menos maquiavélicos se expressa na medida e nos níveis de emoções investidas em relacionamentos interpessoais, o que torna os maquiavélicos exploradores, inescrupulosos, e falsamente amorosos. Este construto tem sido operacionalizado pela medida *Mach IV* (Christie & Geis, 1970), uma escala de 20 itens que acessam propensividade a fraude, manipulação interpessoal, atitudes e crenças cínicas e imorais. Esta medida quando pareada com escores dos fatores da ECR evidenciaram um estilo de apego ansioso em seus



relacionamentos íntimos, o que se explica pelo fato de tais indivíduos terem uma representação negativa dos Outros significativos, tendendo a buscar uma proximidade exorbitante e simbiótica no âmbito de suas relações amorosas no intuito de explorar seus parceiros/as (Ináncsi, Láng & Bereczkei, 2015).

No que tange a forma breve da ECR, Wei *et al.* (2007) investigaram as características psicométricas da *Experiences in Close Relationship Scale-Short Form* (ECR-S), pareando-a com o instrumento original (ECR) e várias medidas indicadoras de psicopatologia, dentre elas a CES-D, para rastreamento de depressão em população não clínica. A ECR-S compõe-se de 12 itens apenas, com a estrutura fatorial prevista nas duas dimensões básicas apontadas na literatura: Ansiedade e Evitamento. As análises replicaram para a ECR-S a fidedignidade, estrutura fatorial e validade encontráveis nos estudos com a ECR, e encontrou-se consistentemente entre as várias amostras componentes do estudo de validação da forma breve do instrumento relações estatisticamente significantes entre humor deprimido mensurado pela CES-D e a subescala de Ansiedade da medida, conforme previsto.

O *Experiences in Close Relationships Revised* (ECR-R) foi validado por Fraley, Waller e Brennan (2000) a partir do mesmo conjunto de itens em que se baseia a medida ECR, itens estes que foram cotejados estatisticamente pela abordagem da teoria de resposta ao item (IRT, *Item Response Theory*), tendo o novo instrumento o foco, tal qual o da ECR, na mensuração e acesso às diferenças individuais com respeito a *ansiedade* relacionada ao apego romântico, e *evitação* relacionada ao apego romântico, em relações amorosas adultas. A versão final da medida contém 36 itens, resultantes da avaliação por IRT de um conjunto inicial de 323 itens, retirados de 14 inventários que acessam relações de apego adulto, dentre estes, os *Experiences in Close Relationships Questionnaire* (ECR) de Brennan *et al.* (1998), o *Adult Attachment Scale* (AAS) de Collins e Read (1990), o *Relationship Styles Questionnaire* (RSQ) de Griffin e Bartholomew (1994), e o questionário (não nomeado) de apego de Simpson (1990) (citados em Fraley, Waller & Brennan, 2000). Estudos realizados com apoio na medida ECR-R tem levantado indícios consistentes de perturbações nos vínculos de apego relacionados a mediação entre maus tratos infantis e



traumas de traição vivenciados em relações amorosas adultas (Hocking, Simons & Surette, 2016), bem como apego ansioso exibiu um importante papel de mediação entre os efeitos de trauma infantil sobre vários domínios da personalidade, como autocontrole, domínios relacionais e integração da identidade pessoal (Cohen *et al.*, 2016).

O *Experiences in Close Relationships-Relationship Structures* (ECR-RS) foi criado e validado por Fraley *et al.* (2011) com o foco na mensuração dos padrões de apego em uma ampla variedade de relações íntimas e proximais, tendo-se 04 figuras significativas alvo (mãe, pai, parceiro/a romântico/a e melhor amigo/a), podendo-se utilizar cada conjunto de itens separadamente, ou operacionalizar a medida com 09 itens como uma versão breve da medida ECR-R. A maioria dos instrumentos psicométricos de apego parte do pressuposto de considerar os modelos de trabalho internos como gerais e tipo-traço (*trait-like*). Todavia, cresce na literatura um corpo de evidências de que os padrões de apego podem ser específicos aos tipos de relacionamentos vivenciados, e que em cada um deles um modelo de trabalho interno deva ser instanciado para sua efetivação. Inspirado por este insight teórico, o ECR-RS foi desenhado justamente para cobrir a diversa gama de modelos de trabalho possíveis de serem instanciados nos relacionamentos significativos do indivíduo. Assim, o mesmo conjunto de 09 itens é aplicado com referência a cada um dos relacionamentos significativos (mãe, pai, parceiro/a romântico/a e melhor amigo/a), gerando um cômputo de 36 itens, quando o instrumento é aplicado inteiramente. O escoreamento final pode gerar um escore global de apego, bem como escores parciais específico ao domínio, por tipo de relacionamento em tela. O ECR-RS tem gerado um corpo de pesquisa evidenciando padrões de apego na relação com outros construtos psicológicos de interesse na pesquisa.

Utilizando-se o ECR-RS chegou-se a constatação de que medidas de apego específicas a domínios predizem melhor resultados tanto intra quanto interpessoais que medidas de caráter global, contudo, medidas globais como a ECR e outras predizem melhor traços de personalidade que medidas de domínio específico com a ECR-RS (Fraley *et al.*, 2011).



O estudo de Hünefeldt *et al.* (2013) teve seu foco na relação entre estilos de apego e teoria da mente em adolescentes italianos, utilizando o ECR-RS como medida de operacionalização de estilos de apego, e o teste “*Reading the Mind in the Eyes*” como operacionalização de teoria da mente. Chegou-se à conclusão de que, ao contrário das expectativas teóricas, apego tipo Evitação não se relaciona com habilidades de leitura de mentes, enquanto apego ansioso esteve consistentemente relacionado a níveis menos habilidosos de teoria da mente, sendo este efeito notadamente mais expressivo nos adolescentes mais jovens, que nos de mais avançada idade.

Moreira *et al.* (2015) investigaram com apoio metodológico do ECR-RS o apego materno na relação com a qualidade de vida da criança, e o papel mediador nesta relação da autocompaixão e do estresse parental. A investigação partiu da expectativa de que o estresse que os pais sentem no exercício de seu papel parental e as maneiras como lidam consigo, em especial a autocompaixão, devem ser influenciados por seus padrões de apego prévios e, portanto, deve contribuir com a qualidade dos vínculos aos pais exibida pela criança e resultados desenvolvimentais por ela expressos. Os resultados do estudo evidenciaram que os estilos de apego estiveram associados consistentemente com a qualidade de vida da criança, através da mediação da autocompaixão e do estresse parental, especificamente que maiores níveis de apego ansioso e evitativo estiveram relacionados a piores índices de qualidade de vida, através da mediação de piores escores em autocompaixão e maiores índices de estresse parental.

O estudo de Woods, Priest e Denton (2015) contribuiu com a elucidação do significado dos efeitos de processos relacionais, notadamente os relacionados a *tendência do iniciador (Initiator tendency)*, sobre os resultados de tratamento de depressão (Transtorno Depressivo Maior) em mulheres atualmente envolvidas em relacionamentos amorosos estáveis. A tendência do iniciador é definida na literatura como propensão a iniciar (ou não) discussões sobre problemas de relacionamento com o/a parceiro/a em relações românticas, sendo já conhecidas na literatura relações entre este construto e níveis de estresse nos relacionamentos e depressão. O ensaio clínico foi conduzido para testar a hipótese de se estilos de



apego, tendência do iniciador e satisfação conjugal prediziam melhoras nos níveis de depressão em pacientes sob tratamento, em duas modalidades: ou farmacoterapia isolada, ou farmacoterapia complementada por terapia emocionalmente focalizada para casais. Os achados evidenciaram que satisfação conjugal não se relacionou com resultados no tratamento de depressão, contudo, apego evitativo predisse melhores resultados no tratamento, independentemente do tipo de tratamento recebido (farmacoterapia ou farmacoterapia combinada a terapia de casal), enquanto tendência do iniciador resultou em resultados menos efetivos no tratamento da depressão.

Um último instrumento de mais franco uso tem sido reportado na literatura de apego, a saber, a medida *State Adult Attachment Measure* (SAAM), de autoria de Gillath *et al.* (2009), a qual tem seu foco no acesso às flutuações temporárias no senso de apego seguro e inseguro. Numa mudança de vértice teórico em relação a trabalhos prévios em que se tem considerado que estilos de apego, conceituados em termos de ansiedade, evitação e segurança, são disposições relativamente estáveis e originadas em modelos de trabalho internos do self e dos parceiros de relacionamento, o SAAM se baseia na hipótese de que os níveis de apego podem ser afetados por fatores situacionais. O SAAM teve como ponto de partida a reescrita de itens do instrumento ECR (Brennan *et al.*, 1998), para que se adicionassem notas contextuais e situacionais aos itens, movimento este complementado pela proposição de um conjunto de itens novos escritos com a finalidade de cobrir aspectos como baixo fim de ansiedade (*low end of anxiety*), os quais estão subrepresentados nas medidas psicométricas correntes no campo de pesquisa de apego. As instruções também foram formuladas no sentido de enfatizar o aspecto focalizado a estado da percepção do apego, e aos sentimentos correntes/atuais. O instrumento final resultou num conjunto de 21 itens, com 07 itens por cada uma das dimensões previstas (segurança, evitação, e ansiedade).

O estudo de Bosmans *et al.* (2014) baseado metodologicamente no paradigma de *priming* investigou o estatuto do SAAM enquanto medida de apego estado. Concretamente operacionalizou experimentalmente e longitudinalmente num tempo de duas semanas se a manipulação de acessibilidade



temporal de diferentes conteúdos de apego ativaria diferentes representações de apego dentro do indivíduo. Os resultados evidenciaram que a ativação de diferentes contextos de apego pelos primes experimentais resultou em diferentes avaliações do self e figuras de apego no período considerado, levantando evidências de SAAM como medida fidedigna de operacionalização de apego estado.

Avançando na documentação da plausibilidade empírica da hipótese de apego estado, o estudo de Pepping, Davis e O'Donovan (2015) se deteve na avaliação das relações entre apego seguro estado e estado de consciência tipo *mindfulness*. *Mindfulness* se caracteriza pela percepção de pensamentos, sensações e sentimentos sem suprimi-los nem deixando-se oprimir por eles, e se relaciona ao prestar atenção de um modo especificamente não avaliativo, e focado no propósito e no momento presente. Esta atenção plena é atravessada por profundas diferenças individuais no que concerne a ocorrências espontâneas, e similarmente aos estilos de apego seguro, *mindfulness* disposicional encontra-se consistentemente relacionado com resultados psicossociais positivos, o que fomenta a hipótese testada no estudo de haver um orgânico enlace entre estes dois processos psicológicos, em especial, em suas dimensões-estado. Foram conduzidos dois estudos experimentais, cada um deles manipulando ora o estilo de apego seguro, ora o *mindfulness* estado, e os resultados evidenciaram que não houve uma relação direta causal entre os dois construtos como resultado de manipulação experimental. Todavia, resta ainda que se documente a pertinência desta relação em contexto de intervenções a longo prazo.

Esta não exaustiva e breve panorâmica sobre as medidas correntes de apego adulto evidenciam um esforço vigoroso de operacionalizar psicometricamente este importante construto psicológico. Todavia, se por um lado a elaboração de inúmeros instrumentos de avaliação tem produzido um significativo número de dados de pesquisa, contribuindo em aprofundar a compreensão científica do apego em suas várias dimensões, ao mesmo tempo a existência de múltiplas medidas para avaliar o mesmo constructo tem também gerado dúvidas e questionamentos sobre qual seria o melhor instrumento para avaliar o apego a partir de um relacionamento amoroso.



No contexto desta segunda vertente investigativa uma contribuição expressiva tem sido realizada por Brennan, Clark e Shaver (1998) em uma importante obra de sistematização que visava obter um instrumento que apresentasse as melhores características psicométricas entre os inúmeros instrumentos utilizados naquele período e detectar claramente as dimensões subjacentes a estes vários instrumentos usados para avaliar o apego. O principal objetivo destes pesquisadores era individuar o núcleo central do construto apego relevante teoricamente para a avaliação das relações amorosas, visando desvendar os construtos de base comuns que podiam ser generalizáveis.

Neste sentido selecionaram todas as escalas de autoavaliação (*self-report*) do apego adulto publicadas (incluindo também algumas pesquisas não publicadas) até meados da década de 90 encontrando 482 itens que eram utilizados para avaliar 60 construtos relacionados ao apego (e.g., apego ansioso, alienação, comunicação, medo de perder o parceiro, ciúme, evitamento da intimidade, entre outros). Depois de ter excluído os itens redundantes ficaram com 323 itens que em seguida aplicaram através de um questionário em uma ampla amostra formada por 1.086 alunos (682 do sexo feminino e 403 do sexo masculino) com idade entre 16 e 50 anos, matriculados em cursos de psicologia na Universidade de Austin, Texas. Os estudantes deveriam avaliar cada item em uma escala likert de 7 pontos (de 1 = de jeito nenhum parecido comigo a 7 = completamente parecido comigo).

Os dados coletados destes 323 itens foram analisados através de uma análise fatorial das componentes principais evidenciando a presença de duas dimensões principais independentes entre si ($r = .12$): a primeira, denominada de "**ansiedade**" caracterizada por intensa preocupação com os relacionamentos sentimentais, medo de ser abandonado, necessidade de proximidade emocional e física e frequentes pedidos ao parceiro de um maior envolvimento na relação; a segunda, denominada de "**evitamento**", incluindo alta autoconfiança, dificuldade e desconforto em ficar próximo emocionalmente e fisicamente e em entregar-se ao parceiro. Através de uma cuidadosa seleção dos itens mais representativos e mais correlacionados a estas duas dimensões, foi possível construir um questionário



denominado "*Experiences in Close Relationships*", que inclui duas escalas compostas por 18 itens cada uma, capazes de avaliar estas duas dimensões “ansiedade” e “evitamento” (Brennan *et al.*, 1998). Estas duas dimensões apresentavam elevados valores de consistência interna em decorrência de valores alfa de Cronbach bastante altos: .91 para a dimensão ansiedade e .94 para a dimensão evitamento.

Estas dimensões assinalam, em geral, o comportamento de apego humano, visto que mesmo nas crianças, Ainsworth e seus colegas identificaram duas dimensões muito similares, subjacentes ao padrão de comportamento das crianças observadas na *Strange Situation*. As crianças evitantes se diferenciam das crianças seguras e ambivalentes em uma primeira dimensão, que diz respeito à busca ou não da proximidade física, enquanto as crianças ambivalentes se diferenciavam das crianças seguras e evitantes em uma segunda dimensão, relativa à manifestação ou não de ansiedade de separação (Ainsworth, Blehar, Waters & Wall, 1978).

O desenvolvimento do questionário "*Experiences in Close Relationships*" tem representado um avanço na medição do apego em adultos através do método de autoavaliação, e o instrumento parece potencialmente útil para todos os pesquisadores que lidam com apego em adultos.

A partir da publicação deste estudo de Brennan *et al.* (1998) o questionário ECR tem se tornado o instrumento de referência para avaliar o apego em amostras adultas até os dias atuais, sendo traduzido e adaptados para diversas línguas, incluindo Francês (Lafontaine & Lussier, 2003), italiano (Picardi, Bitetti, Puddu & Pasquini, 2000; Picardi, Vermigli, Toni, D'amico, Bitetti, Pasquini, 2002), hebraico (Mikulincer & Florian, 2000), Chinês (Mallinckrodt & Wang, 2004), espanhol (Alonso-Arbiol, Balluerka, & Shaver, 2007), e português do Portugal (Moreira, Lind, Santos, Moreira, Gomes, Justo, Oliveira, Filipe, & Faustino, 2006; Paiva & Figueiredo, 2010).

Estudo proposto



Um trabalho relativamente recente apresentando as evidências de validade do ECR na população brasileira foi publicado por Shiramizu, Natividade e Lopes (2013), os quais realizaram dois estudos consecutivos. No primeiro, traduziu-se o ECR para o português brasileiro e aplicou-se o instrumento a 230 estudantes universitários. A partir dos resultados do estudo inicial, diversos itens foram modificados e aplicou-se a nova versão da escala a uma amostra de 618 pessoas das cinco regiões do Brasil. Os resultados obtidos confirmaram a existência de uma estrutura bidimensional para o Apego constituída por ansiedade e evitação. Encontrou-se também correlações com os níveis de amor e a homossexualidade que se mostraram consonantes com a teoria do construto para as duas dimensões avaliadas. Nesse esforço de pesquisa a análise dos dados foi realizada seguindo o padrão psicométrico usual, isto é, uma análise fatorial de componentes principais com método de rotação *oblimin*, o mesmo método utilizado no estudo para a elaboração e validação inicial do instrumento (Brennan *et al.*, 1998).

Deve ser observado que análises fatoriais do ECR usando as técnicas empregadas nos trabalhos tanto de Brennan *et al.* (1998) quanto de Shiramizu, Natividade e Lopes (2013) geralmente não conseguem encontrar imediatamente uma estrutura com apenas dois fatores. No caso de Shiramizu, Natividade e Lopes (2013), por exemplo, as análises iniciais dos dois estudos encontraram oito e seis fatores, respectivamente, atendendo ao critério de Kaiser (*eigenvalue* > 1). Por esse motivo, é usualmente realizada uma segunda análise fatorial onde se força a extração de duas dimensões, somente então os dois fatores relativos a ansiedade e evitamento são encontrados. No caso de Shiramizu, Natividade e Lopes (2013), a estrutura bifatorial do instrumento foi em seguida confirmada por meio de uma análise fatorial confirmatória. Observe-se ainda que a análise fatorial é baseada fundamentalmente na regressão linear múltipla, aplicando-se todas as restrições acerca de linearidade e heteroscedasticidade, dentre outras, o que estreita a sua aplicabilidade.

Dadas as limitações inerentes à análise fatorial, bem como o histórico de problemas no uso dessa técnica nos estudos de Brennan *et al.* (1998) e Shiramizu, Natividade e Lopes (2013), o presente trabalho



fez uso de uma alternativa para a validação estatística do ECR. Trata-se do escalonamento multidimensional não-métrico (*Multidimensional Scaling* ou MDS), realizada via análise dos espaços mínimos (*Smallest Space Analysis* ou *Similarity Structure Analysis - SSA*), interpretada via Teoria das Facetas.

A abordagem multidimensional referida aqui já foi utilizada também para validar um instrumento similar ao ECR, denominado ERA (Roazzi, Vermigli & Roazzi, 2009; Mascarenha & Roazzi, 2013), o qual foi elaborado a partir da necessidade de preencher uma lacuna na literatura psicológica relativamente à disponibilidade, no contexto brasileiro, de uma escala adequada para medir o estilo de apego no período da adolescência. O novo instrumento é similar ao ECR, sendo composto por 36 itens, agrupados em duas escalas de 18 itens, medindo ansiedade e evitamento, ou seja, as duas dimensões básicas que constituem o construto do apego. A sua proposta é fornecer uma forma de medida dos itens do ECR de Brennan *et al.* (1998), referentes a um relacionamento romântico, adaptada ao contexto das relações de amizade. Trata-se de avaliar um estilo de comportamento relacional mais adequado aos adolescentes, uma vez que os relacionamentos sentimentais e de casal, mesmo quando presentes, raramente mostram-se contínuos e consolidados.

O uso da SSA e da Teoria das Facetas será realizado em acréscimo a uma análise fatorial. Sendo encontrados mais de dois fatores, o que parece ser provável à luz de Brennan *et al.* (1998) e Shiramizu, Natividade e Lopes (2013), ao invés de forçar a extração de dois fatores como foi feito nesses trabalhos, será realizada uma análise fatorial de segunda ordem utilizando como variáveis, os fatores extraídos no decurso da primeira análise, tentando-se encontrar um par de “superfatores” correspondentes a Ansiedade e Evitamento.

Considerando que o objetivo principal deste artigo é apresentar evidências de validade da escala ECR através da técnica SSA ressaltamos a seguir alguns pontos que explicitam as vantagens desta análise MDS e alguns pontos históricos da literatura comparativos entre análise fatorial e SSA.

SSA e suas vantagens

A SSA é uma técnica multivariada onde todas as interrelações entre as variáveis de um conjunto submetido a análise são avaliadas simultaneamente, com o resultado sendo expresso sob a forma de um diagrama espacial onde cada variável é representada por um ponto e a distância geométrica entre os pontos é proporcional ao grau de associação entre as variáveis por eles representadas (e.g., Guttman, 1968, 1971; Levy, 2005). Suas vantagens incluem:

- Pode-se usar variáveis de qualquer tipo de escala (nominal, ordinal, intervalar ou de razão) e com qualquer distribuição (gaussiana ou não);
- Pode-se usar qualquer tipo de medida de associação entre variáveis, incluindo índices criados especificamente para o estudo em questão;
- Não se impõe restrições acerca da natureza das relações entre as variáveis, podendo elas serem lineares ou não lineares;
- Os resultados são expressos por meio de representações visuais intuitivas e bastante fáceis de interpretar;
- Covariâncias e comunalidades são automaticamente ponderadas pelos algoritmos que produzem o diagrama da SSA.

A Teoria das Facetas é uma abordagem teórico-empírica onde as múltiplas interrelações entre as variáveis, conforme espacialmente identificadas por meio de uma SSA, são interpretadas em termos da sua estrutura geral (Borg & Groenen, 2005; Borg & Shye, 1995; Dancer, 1990; Canter, 1995; Guttman & Greenbaum, 1998; Roazzi, 1995; Roazzi & Dias, 2001; Roazzi, Souza & Bilsky, 2015). O processo envolve o particionamento do espaço relacional em regiões contíguas segundo regras específicas e



segundo uma conceituação teórica, com cada partição constituindo um construto que pode ser interpretado tanto como um aglomerado de variáveis (tal qual numa *cluster analysis*) quanto como uma dimensão latente tal qual um fator em uma análise fatorial (ver Guttman, 1954a,b, que aponta as vantagens da análise SSA em relação a análise fatorial; ver também estudos mais recentes comparativos do SSA e análises fatoriais confirmatórias - Rocha, Roazzi, Candeias, Minervino, Roazzi & Pons, 2015; Rocha, Candeias, Roazzi & Silva, 2015). O resultado é um padrão geométrico que expressa a estrutura relacional não apenas das variáveis analisadas, mas também dos seus construtos teóricos fundamentais (Guttman, 1968; Roazzi, 1995; Rabenu, Elizur & Yaniv, 2015; Roazzi, Souza & Bilsky, 2015).

Louis Guttman: da análise fatorial para a análise MDS

É importante lembrar que Louis (Eliyahu) Guttman era um profundo conhecedor da análise fatorial, inclusive sua tese de doutorado em sociologia (PhD obtido em 1942 na *University of Minnesota*) foi sobre a álgebra linear da análise fatorial sobretudo em relação à regressão múltipla (ver também, Guttman, 1944, 1952, 1956, 1957, 1958). O autor em tela desenvolveu fórmulas computacionais para computar a matriz de correlação inversa (Guttman, 1940) e o número de fatores (Guttman, 1954 a, b), como também os aspectos básicos subjacentes à lógica da análise fatorial, sobretudo, a indeterminação dos escores fatoriais (Guttman, 1955; ver também Steiger & Schonemann, 1978). Todo este trabalho teve uma grande repercussão entre os psicometristas da época destacando-se tanto do ponto de vista teórico como, sobretudo, prático.

Em decorrência destes avanços na compreensão do funcionamento da análise fatorial e de seus limites, no início da década de '50 Guttman iniciou uma mudança radical na forma como dados multivariados deveriam ser analisados e interpretados. A partir de uma revisão da noção de hierarquia de Spearman sobre os testes de inteligência, Guttman verificou que testes podem ser mapeados (como pontos) em uma projeção ou mapa e quanto maior for a correlação entre dois testes maior será a



proximidade no espaço multidimensional. Esta nova abordagem e proposta encontra-se publicada em artigo bastante citado do título “*A general nonmetric technique for finding the smallest coordinate space for a configuration of points*” (Guttman, 1968) no qual explica o algoritmo para mapear as variáveis em um espaço de menor dimensionalidade capaz de representar a similaridade/dissimilaridade (e.g., correlações) entre pares de objetos como distâncias entre pontos em um espaço de baixa dimensão. A proximidade expressa a similaridade ou dissimilaridade entre objetos. Portanto, o SSA é uma técnica de redução de dimensão, visto que a finalidade é encontrar um conjunto de pontos em baixa dimensão (geralmente bi ou tri-dimensional) capazes de refletir a configuração dos dados em alta dimensão e com a menor perda de informação possível.

Este procedimento de análise de dados tornou-se conhecido como *Smallest Space Analysis* (SSA, podendo também definir como *Similarity Structure Analysis*) tornando-se um importante procedimento estatístico não métrico usado para análise de dados de similaridade/dissimilaridade entre um conjunto de observações, objetos, sujeitos ou estímulos. Assim o SSA faz parte dos procedimentos de análise de dados denominado de escalonamento multidimensional não métricos (*Multidimensional Scaling - MDS*), uma família de métodos que explicitam a estrutura dos dados de maneira espacial, facilitando sua inspeção, análise e interpretação visto que os mapas ou projeções produzidas possibilitam uma inspeção visual, representação gráfica ou sumarização eficiente de conjuntos de objetos a partir de dados multivariados.

Enfim, com base no exposto, neste artigo visou-se traduzir, adaptar e apresentar evidências de validade da escala ECR para a realidade brasileira através do procedimento estatístico multidimensional SSA comparativamente com as análises fatoriais tradicionais, e evidência de validade convergente considerando outra medida de apego – *Parental Bonding Inventory* (PBI, Parker *et al.*, 1979) - aplicada ao mesmo tempo do questionário ECR.

Método

Participantes

A amostra era composta por 2821 pessoas (idade média 22.38, DP 7.68) de várias regiões do Brasil, (Nordeste 59%, Norte 20%, Sudeste 7.3%, Sul, 7% e Centro-Oeste 6.6%) sendo 1275 do sexo masculino (idade média 22.50, DP 8.39) e 1546 do sexo feminino (idade média 22.29, DP 7.05). Para ser incluído no estudo, o participante devia ter uma idade entre 17 e 65 anos e que vivenciassem no momento atual ou no passado um relacionamento romântico, e.g., namorada(o), esposa(o), entre outros. Na Tabela 1 é descrita a distribuição da amostra de acordo com sexo e faixa etária.

Tabela 1. Descrição da amostra de acordo com sexo e faixa etária.

Sexo		17 a.	18 a.	19 a.	20 a.	21 a.	22-23 a.	24-30 a.	>30 a.	Total
Masculino	N	216	230	276	96	76	106	117	158	1275
	%	16,9	18,0	21,6	7,5	6,0	8,3	9,2	12,4	100,0
Feminino	N	251	269	263	119	103	183	176	182	1546
	%	16,2	17,4	17,0	7,7	6,7	11,8	11,4	11,8	100,0
Total	N	467	499	539	215	179	289	293	340	2821
	%	16,6	17,7	19,1	7,6	6,3	10,2	10,4	12,1	100,0

Instrumentos

ECR (Brennan *et al.*, 1998). O questionário objeto deste artigo é a versão original desenvolvida por Brennan *et al.* (1998). Para a tradução da escala e sua adaptação ao contexto no Brasil, foi feito uso do procedimento de retrotradução (*back-translation*), seguido da administração piloto de uma versão preliminar para identificar possíveis problemas de compreensão dos itens. A versão final da escala traduzida em português do Brasil utilizada no estudo encontra-se disponível para ser utilizada por outros



investigadores nos apêndices 1 deste artigo. No apêndice 2 é apresentada a versão original de Brennan *et al.* (1998) para eventuais comparações.

O formato para as respostas ao ECR manteve os sete pontos da versão original na qual o participante devia indicar quanto concordava com cada um dos itens, com os pontos extremos – o 1 indicando “Discordo fortemente” e o 7 “Concordo fortemente”. Os 36 itens componentes das duas escalas eram intercalados de forma sistemática, correspondendo os ímpares à escala de Evitamento e os pares à escala de Preocupação. A instrução que apresentava a escala informava que o participante pensasse na forma como eles geralmente experienciassem seus relacionamentos, não somente sobre o que estava ocorrendo em um possível relacionamento atual. A escala apresenta dez itens reversos que precisam ser submetidos a uma transformação de seus valores, sendo um item relativo à ansiedade (item 22), e nove relativos ao evitamento (itens 03, 15, 19, 25, 27, 29, 31, 33 e 35).

Parental Bonding Instrument (PBI, Parker *et al.*, 1979). O questionário é constituído por 25 itens que compõem as escalas que avaliam Cuidado (12 itens) e Superproteção/Controle (13 itens). Neste estudo foi usada somente a escala Cuidado na amostra de participantes de 17 a 30 anos. Altos escores na escala de Cuidado representam percepções de carinho e proximidade. O PBI encontra-se validado por Hauck, Schestatsky, Terra, Knijnik, Sanchez e Ceitlin (2006; ver também, Teodoro, Benetti, Schwartz & Mônico, 2010).

Questionário sociodemográfico. Questionário com perguntas sociodemográficas, tais como sexo e idade, nível educacional, entre outros.

Procedimentos

As coletas de dados foram realizadas individualmente e também de modo coletivo. Na modalidade coletiva, a coleta ocorria durante o período de aulas nas universidades. Os participantes eram instruídos

pelos pesquisadores a respeito da pesquisa e forma de responder ao questionário. Todos os procedimentos éticos foram seguidos em conformidade com a resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde.

Resultados

Validade Fatorial de 1ª e 2ª ordem e Confiabilidade

Principal Components Analysis. Os 36 itens do ECR foram analisados através do PCA. O valor do Kaiser-Meyer-Okin é .918, e o valor do teste de esfericidade de Bartlett é [$\chi^2(630)=30882.51, p < .001$], ambos obtiveram um valor estatisticamente significativo, indicando que a análise fatorial evidencia-se como uma técnica idônea para interpretar a informação contida na matriz produzida (Brace, Kemp, & Snelgar, 2000), e que o ECR é uma medida importante e útil na investigação do apego em adultos.

Os 36 itens foram submetidos em um primeiro momento em uma análise fatorial exploratória com o método da Análise das Componentes Principais, para decidir o número de fatores a serem extraídos, o que resultou em sete fatores, a partir do critério *scree test*. Em seguida, foi realizada uma análise fatorial de primeira ordem, considerando sete fatores, com rotação oblíqua *oblimin*. Os resultados desta análise estão apresentados na Tabela 2.

Tabela 2. Estrutura fatorial do questionário ECR considerando os 36 itens

Ítems	1 Ans.	2 Evi.	3 Ans.	4 Ans.	5 Evi.	6 Evi.	7 Ans.	h^2
A16	.693							.565
A12	.685							.582
A20	.628							.533
A26	.599							.486
A24	.438		.354					.503
A6	.311							.436
E27r		.754						.595
E31r		.713						.511
E29r		.690						.520

E33r		.677							.536
E35r		.661							.494
E15r		.634							.480
E25r		.615							.494
E19r		.571							.439
E3r		.532				.330			.504
A30			.682						.564
A32			.676						.552
A34			.662						.448
A36			.655						.539
A28	.326		.372						.416
A4				.774					.585
A8				.554					.530
A10				.439					.438
E7						.746			.615
E5						.676			.532
E13						.655			.589
E17						.655			.547
E23						.581	.358		.604
E11	.323					.341			.454
E1							.661		.549
E21							.624		.569
E9							.555		.524
A22r								.733	.533
A2								.585	.560
A14								.554	.513
A18								.362	.394
% de Variância									
Explicada	19.59	13.55	5.54	4.28	3.2	3.05	2.81		52.03
Alpha de Cronbach	.782	.843	.745	56.2	.811	.621	.59		.868

Nota: Saturações fatoriais abaixo de .30 foram omitidas para facilitar

leitura e interpretação.

Os sete fatores extraídos na primeira análise explicam 52.03% da variância total. As variáveis individuais resultam estar bem definidas pela solução fatorial, como indicado pelos valores da comunalidade mediamente elevados. A solução fatorial é de fácil interpretação e cumpre o critério da

estrutura simples, com nenhum item multifatorial (saturando em mais de um fator considerando um valor $> .36$), como mostra a Tabela 2, onde as variáveis têm sido agrupadas de acordo com os respectivos fatores de pertença e os coeficientes de saturação fatorial inferiores a $.30$ têm sido omitidos para possibilitar uma maior clareza de leitura. Considerando os itens com saturações fatoriais entre $.30$ e $.359$ só cinco itens apresentaram saturações fatoriais em dois fatores. Destes cinco itens só um item saturou em um fator de evitamento e ansiedade – o item de evitamento 11 (“*Eu quero me aproximar da minha parceira (do meu parceiro), mas estou sempre recuando*”), os outros quatro itens apresentaram saturações em dois fatores da mesma natureza.

O fator 1 (A_16, A_12, A_20, A_26, A_24, A_06) é interpretável como “ dificuldade em abrir-se e requerer ajuda do parceiro”, o fator 2 (E_27r, E_31r, E_29r, E_33r, E_35r, E_15r, E_25r, E_19r, E_03r) como “dificuldade em abrir-se e requerer ajuda ao parceiro/a”, o fator 3 (A_30, A_32, A_34, A_36, A_28) como “preocupação com a disponibilidade aprovação e interesse do parceiro/a”, o fator 4 (A_04, A_08, A_10) como “preocupação com o relacionamento e medo de perder o parceiro/a”, o fator 5 (E_05, E_07, E_11, E_13, E_17, E_23) como “evitamento da intimidade e da proximidade emocional com o parceiro/a”, o fator 6 (E_01, E_21, E_09) como “dificuldade em se abrir e se entregar para o parceiro/a”, o fator 7 (A_22r, A_02, A_14, A_18) como “medo de ser abandonado por parte do parceiro/a”.

Em seguida os sete fatores extraídos, salvos como variáveis, foram submetidos à análise fatorial de segunda ordem, com rotação *Varimax*, após ter identificado preliminarmente, por meio de análise de componentes principais, o número final de fatores a serem extraídos, resultaram dois tendo como base o critério de autovalor maior de 1.

Em seguida foi realizada uma análise fatorial de 2ª ordem, computada utilizando como variáveis os fatores produzidos na análise de primeira ordem. As pontuações fatoriais tendo sido inicialmente analisadas através de uma análise exploratória das componentes principais. Tanto adotando como critério para a extração o critério Kaiser e Guttman como o *scree test*, o número de fatores para extrair foram dois

com eigenvalues elevados (1.907 componente 1 e 1.375 componente 2; o terceiro componente apresentou um eigenvalue abaixo de 1, isto é, .903). Consequentemente, têm sido extraídos dois fatores com o método PAF. Os dois fatores que explicam 46.88% da variância total, tem sido submetido a uma rotação ortogonal com o método *Varimax*, obtendo uma solução que satisfaz os critérios de estrutura simples. O primeiro fator corresponde claramente à dimensão Ansiedade, visto que apresenta saturações elevadas nos fatores 1, 3, 4 e 7 da análise anterior. O segundo fator corresponde diferentemente à dimensão Evitamento, saturando-se nos fatores 2, 5 e 6 da análise anterior. O resultado desta análise de 2ª ordem com as saturações é apresentado na Tabela 3.

O nível de confiabilidade das duas dimensões do ECR apresentou valores amplamente satisfatórios. O coeficiente alfa de *Cronbach* para a escala "Ansiedade" é de fato igual a .851 considerando os fatores e .859 considerando os itens separadamente e para a escala "Evitamento" é .860 considerando os fatores e .869 considerando os itens separadamente.

Tabela 3. Análise fatorial de 2ª ordem (Método PAF) utilizando como variáveis os fatores produzidos na análise fatorial de 1ª ordem

Fatores	Ansiedade	Evitamento
F3: A_30 A_32 A_34 A_36 A_28	.592	
F1: A_16 A_12 A_20 A_26 A_24 A_06	.480	.369
F7: A_22r A_02 A_14 A_18	.435	
F4: A_04 A_08 A_10	.331	
F5: E_05 E_07 E_11 E_13 E_17 E_23		.648
F6: E_01 E_21 E_09		.415
F2: E_27r E_31r E_29r E_33r E_35r E_15r E_25r E_19r E_03r		.376
Percentual de Variância Explicada (Total: 46.886)	27.238	19.649
Alpha de Cronbach	.851	.860

Nota: Saturações fatoriais abaixo de .30 foram omitidas para facilitar leitura e interpretação.

Validade através Escalonamento Multidimensional



Nossa alternativa proposta para a validação estatística do questionário ECR é uma abordagem que faz uso do escalonamento multidimensional (*Multidimensional Scaling* ou MDS), realizada via análise dos espaços mínimos (*Smallest Space Analysis – SSA* ou *Similarity Structure Analysis*; Guttman, 1968, 1971; Levy, 2005; Roazzi, Souza & Bilsky, 2015). Considerando que a medida de avaliação usada no questionário ECR é ordinal optou-se por usar um coeficiente adequado para este tipo de medida – o coeficiente não-paramétrico de monotonicidade. Neste sentido é importante enfatizar que correlações medidas em nível ordinal como o coeficiente de monotonicidade, não podem ser interpretadas da mesma maneira de variáveis medidas em nível intervalar que usam coeficientes paramétricos que impõem uma série de restrições (e.g., coeficiente de correlação linear de Pearson, também conhecido como coeficiente de correlação do momento produto), mas pode ser considerado como índices de monotonicidade, ou seja, para aumentos positivos da correlação, aumentos no valor de X correspondem a aumentos no valor de Y, e para coeficientes negativos ser o oposto, sem estar limitadas pelas restrições acerca da natureza das relações entre as variáveis podendo ser lineares e não lineares e com qualquer distribuição (gaussiana ou não).

Na Figura 1 é apresentado o SSA computado através do coeficiente não-paramétrico de Monotonicidade. A projeção bidimensional apresenta um Coeficiente de Alienação .112 indicando um adequado ajuste dos dados no espaço multidimensional da projeção, com uma partição de tipo axial dos dados. O espaço multidimensional estruturou-se compondo duas regiões claramente distintas, tendo do lado esquerdo todos os itens da escala Ansiedade e do lado direito os demais itens relativos à escala Evitamento.

Desta forma é claramente visível que as duas regiões correspondem às duas escalas visadas na construção do questionário, sendo que cada um dos itens (ímpares vs. pares) apresentam, sem exceção, a sua localização no espaço multidimensional da projeção na região a que corresponde. Esta configuração espacial confirma que a estrutura bidimensional do questionário ECR é reproduzido com



suficiente estabilidade, ainda que detalhes dentro de cada região são peculiares e merecem considerações específicas.

Por exemplo, na região Evitamento, são detectáveis dois conglomerados de itens claramente separados espacialmente. Na parte superior os nove itens não reversos e na parte inferior os demais nove itens reversos. É interessante relevar também que o único item que apresentava uma saturação fatorial acima de .30 em um dos fatores Ansiedade, o item 11 “*Eu quero me aproximar da minha parceira (do meu parceiro), mas estou sempre recuando*”, é o item que se apresenta localizado mais próximo da região Ansiedade.

Na região Ansiedade é possível observar na parte superior todos os itens não reversos dos fatores 1, 3, e 7 da análise fatorial apresentada na Tabela 2, com a exceção do reverso 22 (“*Não me preocupo frequentemente com ser abandonado(a)*”) que se localiza na parte inferior extrema desta mesma região. Entre este último item e os demais itens dos fatores descritos acima, estão distribuídos os três itens do fator 4, cujos itens dizem respeito a um tipo de ansiedade decorrente da preocupação.

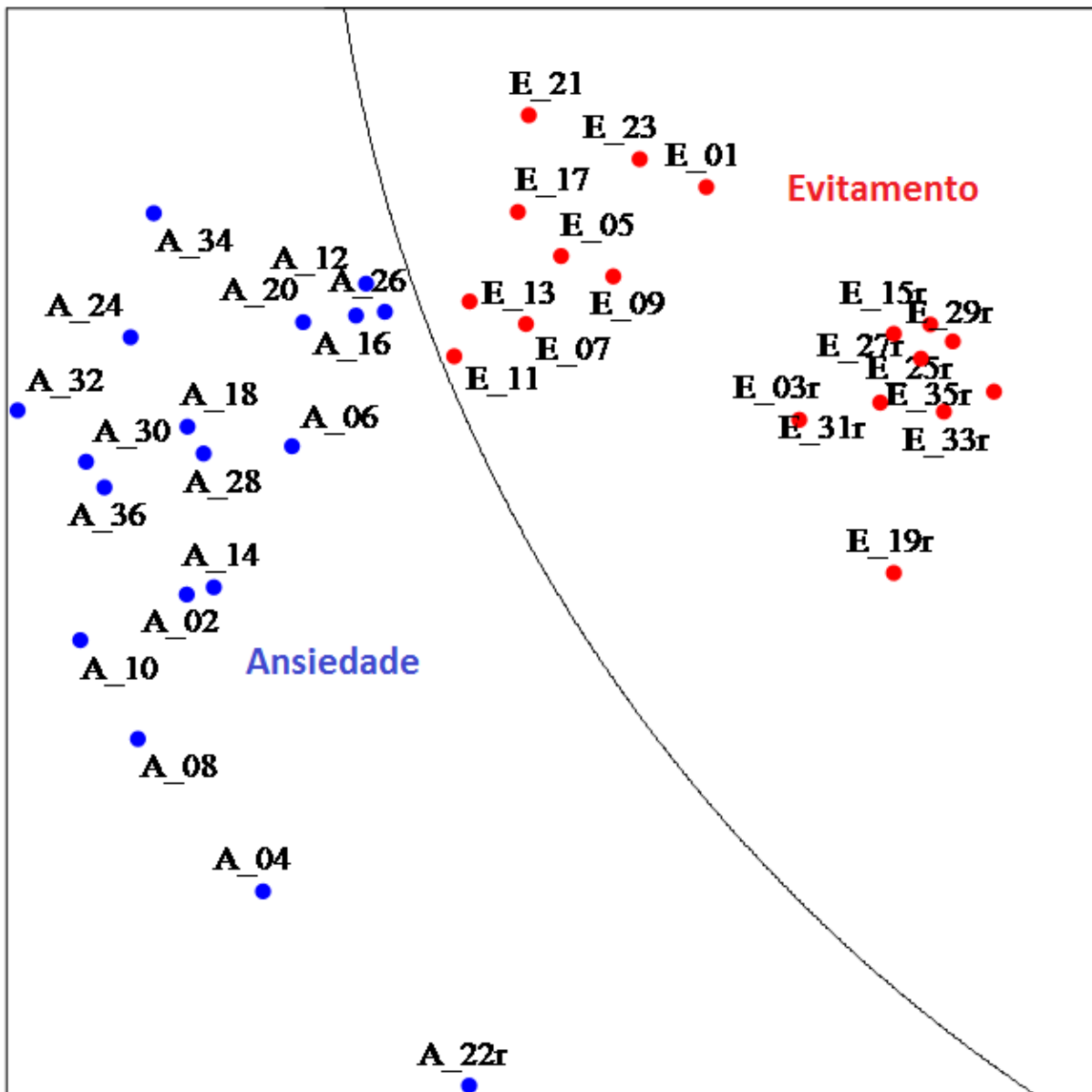


Figura 1. SSA dos 36 itens do ECR (Projeção bidimensional, Coeficiente de Alienação .112)

Valores do ECR e sua relação com Idade e Sexo

Em ambas as escalas Evitamento e Ansiedade, independentemente do sexo, os valores mais altos têm sido encontrados nos sujeitos mais jovens, esta tendência é mais marcada na amostra masculina para Evitamento. Em relação às diferenças em função do sexo no caso de Evitamento são os sujeitos do sexo masculino que sempre apresentam médias superiores do que os sujeitos do sexo feminino, sendo esta diferença significativa nas idades 18, 19, 20, e 22-23 anos. Diversamente na escala Ansiedade as

diferenças estatisticamente significativas sempre mostram os sujeitos do sexo feminino apresentando médias mais altas do que os participantes do sexo masculino (17, 18, 19 e 21 anos). Estes resultados estão em conformidade com dados da literatura (Alonso-Arbiol *et al*, 2007; Del Giudice, 2009, 2011; Gugová & Heretik, 2011; Mikulincer & Shaver, 2007; Shiramizu, Natividade & Lopes, 2013).

Assim de modo geral as diferenças são mais acentuadas nos mais jovens, de fato, as faixas etárias mais altas 24-30 e >30 anos são as únicas faixas etárias que não apresentam diferenças estatisticamente significativas tanto para Evitamento como para Ansiedade. Mais detalhes das médias, desvios-padrão e análises estatísticas podem ser verificados na Tabela 4.

Tabela 4. Pontuações normativas para as escalas Evitamento e Ansiedade de acordo com Sexo e Idade e análise comparativas não-paramétricas de idade (Kruskal-Wallis) e sexo (Mann-Whitney).

Idade	Masc.		Fem.		Total		Mann - Whitney	
	Média	DP	Média	DP	Média	DP	U	p
Evitamento								
17 a.	63.45	17.81	60.30	19.93	61.65	19.09	16748.5	.125
18 a.	63.26	18.11	54.89	20.08	58.68	19.64	17197.5	.001
19 a.	64.02	17.15	59.90	21.01	61.93	19.30	17668.0	.025
20 a.	64.58	15.05	59.89	17.24	61.95	16.43	3205.0	.052
21 a.	60.90	15.09	60.24	15.96	60.52	15.55	3504.0	.626
22-23 a.	63.99	14.66	56.75	17.25	59.39	16.70	7268.0	.001
24-30 a.	58.36	15.66	56.85	18.20	57.45	17.23	9685.5	.536
>30 a.	50.00	18.88	49.28	19.22	49.62	19.04	13691.0	.769
Total	61.02	17.66	56.98	19.33	58.75	18.72	777895.0	.001
Kruskal-Wallis	X^2	p	X^2	p	X^2	p		
	71.53	.001	43.32	.001	98.39	.001		
Ansiedade								
17 a.	71.30	17.30	76.45	17.57	74.04	17.61	16361.0	.003
18 a.	70.73	17.98	75.98	16.40	73.53	17.33	18369.5	.005
19 a.	66.12	17.23	73.24	18.77	69.79	18.37	15961.5	.001
20 a.	73.00	19.51	66.96	18.12	69.69	18.95	3275.0	.074
21 a.	66.27	15.71	70.17	21.34	68.46	19.12	3503.0	.053
22-23 a.	68.16	19.88	69.86	19.50	69.24	19.62	8900.5	.299
24-30 a.	69.07	21.20	68.31	21.46	68.61	21.32	9857.0	.708
>30 a.	63.65	17.69	65.48	21.77	64.63	19.97	13445.5	.568
Total	68.46	18.39	71.43	19.61	70.10	19.13	791149.5	.001
Kruskal-Wallis	X^2	p	X^2	p	X^2	p		

25.78	.001	51.31	.001	60.18	.001
-------	------	-------	------	-------	------

Validade Convergente

A validade convergente foi avaliada em um subgrupo da amostra total cuja idade variava de 16 a 21 anos (idade média 18.33, DP 1.62; N=421) O perfil das correlações de Spearman entre as escalas do questionário ECR e os escores da sub-escala Cuidado do PBI que é caracterizada por um vínculo parental permeado por afeição e carinho, apresentou correlações de acordo com o esperado, isto é, negativas, sendo um pouco mais altas considerando a variável Cuidado Materno (ver Tabela 5).

Tabela 5. Validade Concorrente do questionário ECR e a sub-escala Cuidado do PBI (Correlações de Spearman – Rho)

PBI Sub-Escala Cuidado	Ansiedade		Evitamento	
	Rho	<i>p</i>	Rho	<i>p</i>
Mãe	-.251	.001	-.386	.001
Pai	-.121	.030	-.243	.001

A Ansiedade se correlacionou de forma significativa considerando tanto Cuidado Materno (-.251, $p < .001$) como Cuidado Paterno (-.121, $p = 030$). De forma similar Evitamento se correlacionou de forma significativa considerando tanto Cuidado Materno Evitamento (-.386, $p < .001$) como Cuidado Paterno (-.243, $p < .001$), mostrando a importância da qualidade de um vínculo parental positivo e afetivo com os filhos para o desenvolvimento de um apego seguro.



Estes resultados apresentam resultados similares a investigações da literatura (Brennan *et al.*, 1998; Collins & Read, 1990; Hazan & Shaver, 1987, Lafontaine, & Lussier, 2003; Picardi *et al.*, 2000; Simpson, 1990) certificando a validade do construto das duas dimensões do apego – Ansiedade e Evitamento - avaliadas através desta versão brasileira do ECR.

Resumindo, de modo geral, os resultados encontrados sugerem que o questionário ECR na versão proposta neste artigo, para além de apresentar uma adequada validade discriminante, evidencia também possuir validade de construto, em decorrência do fato que as correlações encontradas correspondem àquilo que seria esperado de acordo com a Teoria do Apego.

Discussão

De modo geral, os resultados encontrados neste estudo são bastante positivos quanto às qualidades psicométricas do questionário ECR como medida para avaliar o estilo de apego amoroso/romântico em adultos. Mais especificamente, confirma-se em uma ampla amostra que, de forma similar ao instrumento original, análises internas da versão brasileira do questionário ECR, indicam que ambas as escalas fornecem resultados com uma elevada consistência interna, que a organização estrutural bidimensional é facilmente interpretável, e que os itens constituem bons indicadores dos construtos avaliados cujas dimensões se encontram claramente individualizadas de acordo com a teoria que orientou a sua construção.

Esta organização estrutural é confirmada de forma mais clara a partir da análise multidimensional. De fato, os dois fatores emersos tanto na análise fatorial de segunda ordem, como a análise multidimensional SSA correspondem perfeitamente às duas dimensões de Evitamento e Ansiedade, ressaltando-se que esta última dispensa a necessidade de forçar o surgimento de dois fatores como ocorre nas análises tradicionais. A constatação de uma organização estrutural tão coerente merece ser salientado,



e aponta para a confirmação da relevância geral das duas dimensões de Evitamento e Ansiedade. A versão brasileira do questionário ECR, apresentada em anexo, propõe-se, portanto, como uma ferramenta de avaliação potencialmente útil para pesquisas que lidam com apego em adultos.

Nesta investigação têm sido encontradas evidências de validade convergente do questionário ECR em relação a uma outra escala conhecida como PBI (*Parental Bonding Instrument*), um instrumento de medição da contribuição parental no apego avaliando a qualidade do vínculo estabelecido entre pais e filhos. As análises correlacionais, entre os escores da escala Cuidado do PBI e as escalas do questionário ECR têm mostrado serem coerentes.

São fornecidos dados sob a forma de pontuações que podem servir de orientação para serem analisados como medidas dimensionais, fato este que pode facilitar futuras investigações na análise dos dados coletados. Considerando que têm sido observadas na literatura e também neste estudo diferenças em função do sexo e da idade, achou-se oportuno apresentar os valores separadamente e não colapsar os resultados. De fato, do ponto de vista dimensional achou-se relevante considerar a existência de diferenças tanto em função do sexo como em função da idade em relação às modalidades de respostas produzidas às questões do questionário. Estas diferenças refletem provavelmente não somente diferentes níveis de experiência dos participantes entrevistados, mas também aspectos relativos ao contexto e à fatores socioculturais.

Em conclusão, para avaliar o apego em adultos o questionário ECR em sua versão do português do Brasil apresenta boas propriedades psicométricas com sólidas evidências de confiabilidade e validade. De fato, torna-se um instrumento apropriado que pode fornecer dados confiáveis e válidos em relação ao estilo de apego de adultos em relação aos seus parceiros relacionais mais significativos. Este instrumento parece ser sobretudo útil tanto por pesquisadores envolvidos no âmbito da psicologia social de modo geral, podendo também ser usada de forma eficaz tanto na área da psicologia cognitiva, psicologia do



desenvolvimento, psicologia clínica e psiquiatria interessados na investigação da relação entre apego e doenças mentais.

Referências

- Ainsworth, M. D. S., Blehar, M. C., Waters, E., & Wall, S. (1978). *Patterns of Attachment: A Psychological Study of the Strange Situation*. Hillsdale, NJ: Erlbaum.
- Alonso-Arbiol, I., Balluerka, N., & Shaver, P. (2007). A Spanish version of the Experiences in Close Relationships (ECR) adult attachment questionnaire. *Personal Relationships, 14*(1), 45-63.
- Bartholomew, K., & Horowitz, L. M. (1991). Attachment styles among young adults: A test of a four-category model. *Journal of Personality and Social Psychology, 61*, 226-244. <https://goo.gl/8sEjDD>
- Beck, R., & McDonald, A. (2004). Attachment to god: the attachment to god inventory, tests of working model. *Journal of Psychology and Theology, 32*(2), 92-103. <https://goo.gl/L7MWyT>
- Bilsky, W. (2003). A Teoria das Facetas: noções básicas. *Estudos de Psicologia, 8*(3), 357-365.
- Borg, I. & Groenen, P. (2005). *Modern Multidimensional Scaling*. Berlin: Springer.
- Borg, I. & Shye, S. (1995). *Facet Theory - Form and Content*. Thousand Oaks, CA: Sage.
- Bosmans, G., Bowles, D. P., Dewitte, M., De Winter, S., & Braet, C. (2014). An experimental evaluation of the State Adult Attachment Measure: The influence of attachment primes on the content of state attachment representations. *Journal of Experimental Psychopathology, 5*(2), 134-150. <http://shura.shu.ac.uk/7911/1/Bosmans, Bowles, Dewitte, De Winter, %26 Braet, in press.pdf>
- Bowlby, J. (1958). The nature of the child's tie to his mother. *International Journal of Psycho-Analysis, 39*, 350-373.
- Bowlby, J. (1969). *Attachment and loss. Vol 1: Attachment*. New York, Basic Books.



- Bowlby, J. (1979). *The making and breaking of affectional bonds*. London: Tavistock.
- Brace, N., Kemp, R., & Snelgar, R. (2000). *SPSS for psychologists. A guide to data analysis using SPSS for windows*. New York: L.E.A.
- Brennan, K. A., Clark, C. L., & Shaver, P. R. (1998). Self-report measurement of adult attachment: An integrative overview. In: J. A. Simpson & W. S. Rholes (Eds.), *Attachment theory and close relationships* (pp. 46-76). New York: Guilford Press.
- Brennan, K. A., Clark, C. L., & Shaver, P. R. (1998). Self-report measurement of adult romantic attachment: An integrative overview. In J. A. Simpson & W. S. Rholes (Eds.), *Attachment theory and close relationships* (pp. 46-76). New York: Guilford Press.
<http://internal.psychology.illinois.edu/~rcfraley/measures/brennan.html>
- Canter, D. (1985). *Facet theory: Approaches to social research*. New York: Springer-Verlag
- Cohen, L. J., Ardan, F., Tanis, T., Halmi, W., Galynker, I., Von Wyl, A., & Hengartner, M. P. (2016). Attachment anxiety and avoidance as mediators of the association between childhood maltreatment and adult personality dysfunction. *Attachment & Human Development*, 1-18. <https://goo.gl/Yy7qpz>
- Collins, N. L. & Read, S. J. (1990). Adult attachment, working models, and relationship quality in dating couples. *Journal of Personality and Social Psychology*, 58, 644-663.
- Dancer, L. S. (1990). Introduction to facet theory and its applications. *Applied Psychology*, 39, 365-377.
- Del Giudice, M. (2009). Sex, attachment, and the development of reproductive strategies. *Behavioral and Brain Sciences*, 32(1), 1-21. doi:10.1017/s0140525x09000016.
- Del Giudice, M. (2011). Sex differences in romantic attachment: A meta-analysis. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 37(2), 193-214. doi:10.1177/0146167210392789.



- Figueiredo, B., Field, T., Diego, M., Hernandez-Reif, M., Deeds, O., & Ascencio, A. (2008). Partner relationships during the transition to parenthood. *Journal of reproductive and infant psychology*, 26(2), 99-107. <https://goo.gl/SJVabj>
- Fraley, R. C., Heffernan, M. E., Vicary, A. M., & Brumbaugh, C. C. (2011). The experiences in close relationships—Relationship Structures Questionnaire: A method for assessing attachment orientations across relationships. *Psychological assessment*, 23(3), 615. <http://www.web-research-design.net/PDF/FHV%26B2011.pdf>
- Fraley, R. C., Waller, N. G., & Brennan, K. A. (2000). An item-response theory analysis of self-report measures of adult attachment. *Journal of Personality and Social Psychology*, 78(2), 350-365.
- Gillath, O., Hart, J., Nofhle, E. E., & Stockdale, G. D. (2009). Development and validation of a state adult attachment measure (SAAM). *Journal of Research in Personality*, 43(3), 362-373.
- Gilliland, R., Blue Star, J., Hansen, B., & Carpenter, B. (2015). Relationship attachment styles in a sample of hypersexual patients. *Journal of sex & marital therapy*, 41(6), 581-592.
- Gugová, G. R., & Heretik, A. (2011). Gender Differences in Attachment Styles Using Slovak Version of the Experiences in Close Relationships – Revised (ECR-R). *Acta Technologica Dubnicae*, 1(2), 29-36. doi: 10.1515/atd-2015-0043
- Guttman, L. (1940). Multiple rectilinear prediction and the resolution into components. *Psychometrika*, 5, 75-99.
- Guttman, L. (1944). General theory and methods for matrix factoring. *Psychometrika*, 9, 1-16.
- Guttman, L. (1952). Multiple-Group Methods for Common-Factor Analysis. *Psychometrika*, 17, 209-222
- Guttman, L. (1954a). A new approach to factor analysis: The radex. In P. F. Lazerfeld (Ed.), *Mathematical Thinking in the Social Sciences* (pp. 258-348). New York: Free Press.



- Guttman, L. (1954b). Some necessary conditions for common-factor analysis. *Psychometrika*, 19, 149-161
- Guttman, L. (1955). The determinacy of factor score matrices with implications for five other basic problems of common-factor theory. *British Journal of Statistical Psychology*, 8, 65-81.
- Guttman, L. (1956). 'Best Possible' systematic estimates of communalities. *Psychometrika*, 21, 272-28.
- Guttman, L. (1957). Simple proofs of relations between the communality problem and multiple correlation. *Psychometrika*, 22, 147-157
- Guttman, L. (1958). To what extent can communalities reduce rank? *Psychometrika*, 23, 297-308.
- Guttman, L. (1968). A general nonmetric technique for finding the smallest coordinate space for a configuration of points. *Psychometrika*, 33, 469-504.
- Guttman, L. (1971). Measurement as structural theory. *Psychometrika*, 36, 327-347.
- Guttman, R. & Greenbaum, C.W. (1998). Facet Theory: Its Developmental and Current Status. *European Psychologist*, 3(1), 13-36.
- Hauck, S., Schestatsky, S., Terra, L., Knijnik, L., Sanchez, P., & Ceitlin, L. H. F. (2006). Adaptação transcultural para o português brasileiro do Parental Bonding Instrument (PBI). *Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul*, 28, 162-168
- Hazan, C., & Shaver, P. R. (1987). Romantic love conceptualized as an attachment process. *Journal of Personality and Social Psychology*, 52(3), 511-524
- Hazan, C., & Shaver, P. R. (1990). Love and work: An attachment-theoretical perspective. *Journal of Personality and Social Psychology* 59, 270-280.



- Hocking, E. C., Simons, R. M., & Surette, R. J. (2016). Attachment style as a mediator between childhood maltreatment and the experience of betrayal trauma as an adult. *Child Abuse & Neglect*, 52, 94-101.
- Hünefeldt, T., Laghi, F., Ortu, F., & Belardinelli, M. O. (2013). The relationship between ‘theory of mind’ and attachment-related anxiety and avoidance in Italian adolescents. *Journal of adolescence*, 36(3), 613-621.
- Ináncsi, T., Láng, A., & Bereczkei, T. (2015). Machiavellianism and adult attachment in general interpersonal relationships and close relationships. *Europe's Journal of Psychology*, 11(1), 139-154. doi:10.5964/ejop.v11i1.801
- Lafontaine, M.-F., & Lussier, Y. (2003). Structure bidimensionnelle de l’attachement amoureux: Anxiété face à l’abandon et évitement de l’intimité. *Canadian Journal of Behavioural Science*, 35, 56-60.
- Levy, S. (2005). Guttman, Louis. *Encyclopedia of Social Measurement*, 2, 175- 188.
- Mallinckrodt, B., & Wang, C. C. (2004). Quantitative methods for verifying semantic equivalence of translated research instruments: A Chinese version of the Experiences in Close Relationships scale. *Journal of Counseling Psychology*, 51, 368-379.
- Mascarenhas, S. A. N., & Roazzi, A. (2013). Apego e rendimento acadêmico no ensino superior. *Revista AMazônica*, 11(1), 358-370.
- Mikulincer, M., & Florian, V. (2000). Exploring individual differences in reactions to mortality salience: Does attachment style regulate terror management mechanisms? *Journal of Personality and Social Psychology*, 79, 260-273.
- Mikulincer, M., & Shaver, P. R. (2007). *Attachment in Adulthood Structure, Dynamics, and Change*. New York: Guilford Press.



- Moreira, H., Gouveia, M. J., Carona, C., Silva, N., & Canavarro, M. C. (2015). Maternal attachment and children's quality of life: The mediating role of self-compassion and parenting stress. *Journal of Child and Family Studies*, 24(8), 2332-2344. <http://self-compassion.org/wp-content/uploads/2015/03/Moreira.pdf>
- Moreira, J. M., Lind, W., Santos, M. J., Moreira, A. R., Gomes, M. J., Justo, J., Oliveira, A. P., Filipe, L. A., & Faustino, M. (2006). "Experiências em Relações Próximas", um questionário de avaliação das dimensões básicas dos estilos de vinculação nos adultos: Tradução e validação para a população Portuguesa. *Laboratório de Psicologia*, 4(1), 3-27.
- Nascimento, A. M., & Roazzi, A. (2013). Autoconsciência, imagens mentais e mediação cognitiva. *Psicologia Reflexão e Crítica*, 26(3), 493-505.
- Paiva, C. A., & Figueiredo, B. (2010). Study of validation of the Portuguese version of the inventory Experiences in Close Relationships. *Interpersona*, 4(2), 237-270.
- Pepping, C. A., Davis, P. J., & O'Donovan, A. (2015). The association between state attachment security and state mindfulness. *PloS one*, 10(3), e0116779. <https://goo.gl/LHWRuQ>
- Picardi, A., Bitetti, D., Puddu, P., & Pasquini, P. (2000). La scala "Experiences in Close Relationships" (ECL), un nuovo strumento per la valutazione dell'attaccamento negli adulti: traduzione, adattamento e validazione della versione italiana. *Rivista di Psichiatria*, 35(3), 114-120.
- Picardi, A., Vermigli, P., Toni, A., D'amico, R., Bitetti, D., Pasquini, P. (2002). Il questionario «Experiences in Close Relationships» (ECR) per la valutazione dell'attaccamento negli adulti: ampliamento delle evidenze di validità per la versione italiana. *Italian Journal of Psychopathology*, 8(3), 282-294.
- Rholes, W. S., & Simpson, J. A. (Eds.) (2004). *Adult attachment: Theory, research and clinical implications*. New York, Guilford Press.



- Roazzi, A. (1995). Categorização, formação de conceitos e processos de construção de mundo: Procedimento de classificações múltiplas para o estudo de sistemas conceituais e sua forma de análise através de métodos de análise multidimensionais. *Cadernos de Psicologia, 1*, 1-27. <https://goo.gl/iFtY8I>
- Roazzi, A. Vermigli, P. & Roazzi, M. (2009). *Validação do Escala das Relações Afetivas de Amizade (ERA): Uma medida para avaliar apego em crianças e adolescentes*. Recife: PPG em Psicologia Cognitiva, UFPE.
- Roazzi, A., & Dias, M. G. B. B. (2001). Teoria das facetas e avaliação na pesquisa social transcultural: Explorações no estudo do juízo moral. In: Conselho Regional de Psicologia - 13a Região PB/RN. (Ed.), *A diversidade da avaliação psicológica: Considerações teóricas e práticas* (pp. 157-190). João Pessoa: Idéia. <https://goo.gl/blOISb>
- Roazzi, A., Nascimento, A. M., & Gusmão, E. É. S. (2013). O Significado do Apego e da Interação Social no Desenvolvimento do Self, Autoconsciência e Teoria da Mente. In R. T. Cruz, & E. É. S. Gusmão (Eds.), *Psicologia: Conceitos, Técnicas e Pesquisas*, Vol I. (pp. 109-144). Curitiba, PR: Editora CRV. <https://goo.gl/0eODMy>
- Roazzi, A., Souza, B. C., & Bilsky, W. (2015). *Facet Theory: Searching for Structure in Complex Social, Cultural and Psychological Phenomena*. Recife: Editora Universitária da UFPE. DOI: 10.13140/RG.2.1.3267.0801 Link: <https://goo.gl/p48ywC>
- Rocha, A. A., Candeias, A. A., Roazzi, A., & Silva, A. L. (2015). Socially in Action-Peers (SAp): Validation by Means of Confirmatory Factor Analysis (CFA) and Similarity Structure Analysis (SSA). In A. Roazzi, B. C. de Souza, & W. Bilsky (Eds.), *Facet Theory: Searching for Structure in Complex Social, Cultural and Psychological Phenomena* (pp. 85-106). Recife: Editora UFPE. DOI: 10.13140/RG.2.1.1671.0165 Link: <https://goo.gl/BfdMRJ>



- Rocha, A. A., Roazzi, A., Silva, A. L., Candeias, A. A., Minervino, C. A., Roazzi, M. M. & Pons, F. (2015). Test of Emotion Comprehension: Exploring the underlying structure through Confirmatory Factor Analysis and Similarity Structure Analysis. In A. Roazzi, B. C. de Souza, & W. Bilsky (Eds.), *Facet Theory: Searching for Structure in Complex Social, Cultural and Psychological Phenomena* (pp. 66-84). Recife: Editora UFPE. ISBN 978-85-415-0282-5 DOI: 10.13140/RG.2.1.2457.4483 <https://goo.gl/8DnZ1r>
- Shaver, P. R., & Fraley, R. C. (2010). Self-report measures of adult attachment. *Adult Attachment Lab*. <http://internal.psychology.illinois.edu/~rcfraley/measures/measures.html>
- Shaver, P. R., & Mikulincer, M. (2002a). Attachment related psychodynamics. *Attachment and Human development*, 4, 133-161.
- Shaver, P. R., & Mikulincer, M. (2002b). Dialogue on adult attachment: Diversity and integration. *Attachment and Human Development*, 4(2), 243-257.
- Shiramizu, V. K. M., Natividade, J. C., & Lopes, F. A. (2013). Evidências de validade do Experience in Close Relationships (ECR) Inventory para o Brasil. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 18(3), 457-465. Doi:10.1590/S1413-294X2013000300006
- Simpson, J. A. (1990). Influence of attachment styles on romantic relationships. *Journal of Personality and Social Psychology*, 59, 971-980.
- Simpson, J. A., Rholes, W. S. (1998). Attachment in adulthood. In: J. A. Simpson, & W. S. Rholes (Eds.), *Attachment theory and close relationships*. New York: Guilford Press.
- Solomon, J., & George, C. (1999). The measurement of attachment security in infancy and childhood. *Handbook of attachment: Theory, research, and clinical applications*, 287-316.
- Steiger, J., & Schonemann, P. (1978). A history of factor indeterminacy. In: S. Shye (Ed.), *Theory Construction and Data Analysis in the Behavioral Sciences*. San Francisco: Jossey-Bass.



- Teodoro, M. L. M., Benetti, S. P. da C., Schwartz, C. B., & Mônico, B. G. (2010). Propriedades psicométricas do Parental Bonding Instrument e associação com funcionamento familiar. *Avaliação Psicológica*, 9(2), 243-251.
- Waters, E., & Deane, K. E. (1985). Defining and assessing individual differences in attachment relationships: *Q*-methodology and the organization of behavior in infancy and early childhood. In I. Bretherton & E. Waters (Eds.), Growing points of attachment theory and research. *Monographs of the Society for Research in Child Development*, 50(1-2, Serial No. 209), 41-65.
- Wei, M., Russell, D. W., Mallinckrodt, B., & Vogel, D. L. (2007). The Experiences in Close Relationship Scale (ECR)-short form: Reliability, validity, and factor structure. *Journal of Personality Assessment*, 88(2), 187-204. <https://goo.gl/MsTZas>
- Woods, S. B., Priest, J. B., & Denton, W. H. (2015). Predicting improvement in depression across therapies using indicators of romantic relationship functioning: A preliminary investigation. *The American journal of family therapy*, 43(1), 44-56. <https://goo.gl/0Yss6C>



Apêndice 1. Questionário “Experiences in Close Relationships” (ECR) - Versão em Português do Brasil (ECR-B)

Versão masculina do questionário. Em itálico a versão feminina do mesmo.

Instruções para o preenchimento: As afirmações a seguir referem-se a como você se sente nos relacionamentos românticos. Estamos interessados em sua maneira geral de vivenciar as relações, não só a respeito do que está acontecendo em um relacionamento ocorrendo atualmente. Isto é, pense em todos os seus relacionamentos, passados e presentes, e responda em termos de como geralmente se sente nesses relacionamentos.

Note que por “parceira(o)” entende-se somente uma parceira (*um parceiro*) sentimental (por exemplo, cônjuge, esposa/marido, namorada(o), noiva(o), companheira(o), etc.), e, portanto, não parentes, amigas(os) ou colegas. Note também que por “parceira romântica” (“*parceiro romântico*”) entende-se “pessoa com quem estou envolvido(a)”, “pessoa com quem estou me relacionando”, entre outros. Além disso, observe que as palavras “próximo(a)” ou “íntimo(a)” refere-se a proximidade psicológica ou emocional (por exemplo, abrir-se, confiar-se, compartilhar emoções e experiências), além da proximidade física ou sexual.

Assim, leia com atenção as seguintes afirmações, e avalie o grau em que cada uma delas descreve os seus sentimentos acerca das relações com as suas parceiras (*os seus parceiros*) e responda a cada afirmação indicando o quanto concorda ou discorda, marcando com um círculo o número correspondente à sua resposta de acordo com a seguinte escala na qual o número “1” indica um completo desacordo (“Discordo fortemente”), enquanto o número “7” indica concordância completa (“Concordo fortemente”).

Discordo fortemente							Concordo fortemente
1	2	3	4	5	6	7	
1. Prefiro não mostrar à parceira (<i>ao parceiro</i>) como me sinto no fundo.	1	2	3	4	5	6	7
2. Eu me preocupo com ser abandonado(a).	1	2	3	4	5	6	7
3. Fico muito confortável com estar íntimo(a) das minhas parceiras românticas (<i>dos meus parceiros românticos</i>). (r)	1	2	3	4	5	6	7
4. Preocupo-me muito com os meus relacionamentos.	1	2	3	4	5	6	7
5. Assim que a minha parceira (<i>o meu parceiro</i>) começa a se tornar mais íntima(o), me dou conta de que estou me afastando.	1	2	3	4	5	6	7
6. Preocupa-me que as minhas parceiras românticas (<i>os meus parceiros românticos</i>) não se importem comigo tanto o quanto eu me preocupo com elas (<i>eles</i>).	1	2	3	4	5	6	7
7. Fico desconfortável quando uma parceira romântica (<i>um parceiro romântico</i>) quer ter muita intimidade.	1	2	3	4	5	6	7
8. Preocupo-me bastante com perder a minha parceira (<i>o meu parceiro</i>).	1	2	3	4	5	6	7



9. Não me sinto confortável me abrindo com parceiras românticas (<i>parceiros românticos</i>).	1	2	3	4	5	6	7
10. Eu com frequência desejo que os sentimentos da minha parceira (<i>do meu parceiro</i>) em relação a mim fossem tão fortes quanto os meus sentimentos em relação a ela (<i>ele</i>).	1	2	3	4	5	6	7
11. Eu quero me aproximar da minha parceira (<i>do meu parceiro</i>), mas estou sempre recuando.	1	2	3	4	5	6	7
12. Com frequência quero unir-me completamente com as minhas parceiras românticas (<i>os meus parceiros românticos</i>) e, às vezes, isso as(os) afasta.	1	2	3	4	5	6	7
13. Fico nervoso quando minhas parceiras (<i>meus parceiros</i>) ficam muito íntimas(os) comigo.	1	2	3	4	5	6	7
14. Me preocupo com ficar sozinho(a).	1	2	3	4	5	6	7
15. Sinto-me confortável em compartilhar meus pensamentos e sentimentos privados com minha parceira (<i>meu parceiro</i>). (r)	1	2	3	4	5	6	7
16. Meu desejo de ficar muito íntimo(a) às vezes espanta as pessoas.	1	2	3	4	5	6	7
17. Procuro evitar ficar íntimo(a) demais da minha parceira (<i>do meu parceiro</i>).	1	2	3	4	5	6	7
18. Preciso de muita confirmação de que eu sou amado(a) pela minha parceira (<i>pelo meu parceiro</i>).	1	2	3	4	5	6	7
19. Acho relativamente fácil ficar íntimo(a) da minha parceira (<i>do meu parceiro</i>). (r)	1	2	3	4	5	6	7
20. Às vezes sinto que eu forço minhas parceiras (<i>meus parceiros</i>) a mostrarem mais sentimento, mais compromisso.	1	2	3	4	5	6	7
21. Eu acho difícil permitir que eu dependa completamente das minhas parceiras românticas (<i>dos meus parceiros românticos</i>).	1	2	3	4	5	6	7
22. Não me preocupo frequentemente com ser abandonado(a). (r)	1	2	3	4	5	6	7
23. Prefiro não ficar íntimo(a) demais com as parceiras românticas (<i>os parceiros românticos</i>).	1	2	3	4	5	6	7
24. Se não consigo fazer com que a minha parceira (<i>o meu parceiro</i>) demonstre interesse em mim, fico chateado(a) ou zangado(a).	1	2	3	4	5	6	7
25. Digo à minha parceira (<i>ao meu parceiro</i>) praticamente tudo. (r)	1	2	3	4	5	6	7
26. Percebo que minhas parceiras (<i>meus parceiros</i>) não querem ficar tão íntimas(os) quanto eu gostaria.	1	2	3	4	5	6	7
27. Eu geralmente discuto os meus problemas e preocupações com a minha parceira (<i>o meu parceiro</i>). (r)	1	2	3	4	5	6	7
28. Quando não mantenho um relacionamento sentimental, sinto-me bastante ansioso(a) e inseguro(a).	1	2	3	4	5	6	7
29. Sinto-me confortável dependendo das minhas parceiras românticas (<i>dos meus</i>	1	2	3	4	5	6	7



parceiros românticos). (r)

30. Fico frustrado quando a minha parceira (*o meu parceiro*) não está por perto o tanto o quanto eu gostaria. 1 2 3 4 5 6 7
31. Não me importo de pedir às minhas parceiras (*aos meus parceiros*) que me confortem, aconselhem ou ajudem. (r) 1 2 3 4 5 6 7
32. Fico frustrado(a) se minhas parceiras românticas (*meus parceiros românticos*) não estão disponíveis quando preciso delas(es). 1 2 3 4 5 6 7
33. Ajuda recorrer à minha parceira romântica (*ao meu parceiro romântico*) nos momentos de necessidade. (r) 1 2 3 4 5 6 7
34. Quando minhas parceiras românticas (*meus parceiros românticos*) me desaprovam, sinto-me realmente muito mal acerca de mim mesmo(a). 1 2 3 4 5 6 7
35. Volto-me à minha parceira (*ao meu parceiro*) para muitas coisas, inclusive ser reconfortado(a) e reasegurado(a). (r) 1 2 3 4 5 6 7
36. Ressinto-me quando minha parceira (*meu parceiro*) passa tempo longe de mim. 1 2 3 4 5 6 7

Nota: (r) = item reverso.

Apêndice 2. Questionário “Experiences In Close Relationships” (ECR; Brennan et al., 1998) – Versão original em Inglês

Multi-Item Measure of Adult Romantic Attachment

Instructions: The following statements concern how you feel in romantic relationships. We are interested in how you generally experience relationships, not just in what is happening in a current relationship. Respond to each statement by indicating how much you agree or disagree with it. Write the number in the space provided, using the following rating scale:

Disagree strongly							Agree strongly	
1	2	3	4	5	6	7		

01. I prefer not to show a partner how I feel deep down.
02. I worry about being abandoned.
03. I am very comfortable being close to romantic partners.
04. I worry a lot about my relationships.
05. Just when my partner starts to get close to me I find myself pulling away.
06. I worry that romantic partners won't care about me as much as I care about them.
07. I get uncomfortable when a romantic partner wants to be very close.
08. I worry a fair amount about losing my partner.
09. I don't feel comfortable opening up to romantic partners.
10. I often wish that my partner's feelings for me were as strong as my feelings for him/her.
11. I want to get close to my partner, but I keep pulling back.
12. I often want to merge completely with romantic partners, and this sometimes scares them away.
13. I am nervous when partners get too close to me.
14. I worry about being alone.
15. I feel comfortable sharing my private thoughts and feelings with my partner.
16. My desire to be very close sometimes scares people away.
17. I try to avoid getting too close to my partner.
18. I need a lot of reassurance that I am loved by my partner.
19. I find it relatively easy to get close to my partner.
20. Sometimes I feel that I force my partners to show more feeling, more commitment.
21. I find it difficult to allow myself to depend on romantic partners.
22. I do not often worry about being abandoned.
23. I prefer not to be too close to romantic partners.
24. If I can't get my partner to show interest in me, I get upset or angry.
25. I tell my partner just about everything.
26. I find that my partner(s) don't want to get as close as I would like.
27. I usually discuss my problems and concerns with my partner.
28. When I'm not involved in a relationship, I feel somewhat anxious and insecure.
29. I feel comfortable depending on romantic partners.
30. I get frustrated when my partner is not around as much as I would like.
31. I don't mind asking romantic partners for comfort, advice, or help.
32. I get frustrated if romantic partners are not available when I need them.
33. It helps to turn to my romantic partner in times of need.
34. When romantic partners disapprove of me, I feel really bad about myself.
35. I turn to my partner for many things, including comfort and reassurance.
36. I resent it when my partner spends time away from me.



Recebido 20/12/2016. Aceito : 20/5/2017.

Sobre os autores e contato:

Antonio Roazzi - Professor Titular, Depto de Psicologia. Coordenador do Núcleo de Pesquisa em Epistemologia Experimental e Cultural (NEC). Universidade Federal de Pernambuco. E-mail: roazzi@gmail.com

Bruno Campello de Souza - Professor Associado, Depto de Administração. Universidade Federal de Pernambuco. E-mail: bcampello@uol.com.br

Suely Aparecida do Nascimento Mascarenhas - Professora Associada, Universidade Federal do Amazonas. E-mail: suelymascarenhas1@gmail.com